



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Cassia Amara da Conceição Bruno de Azevedo

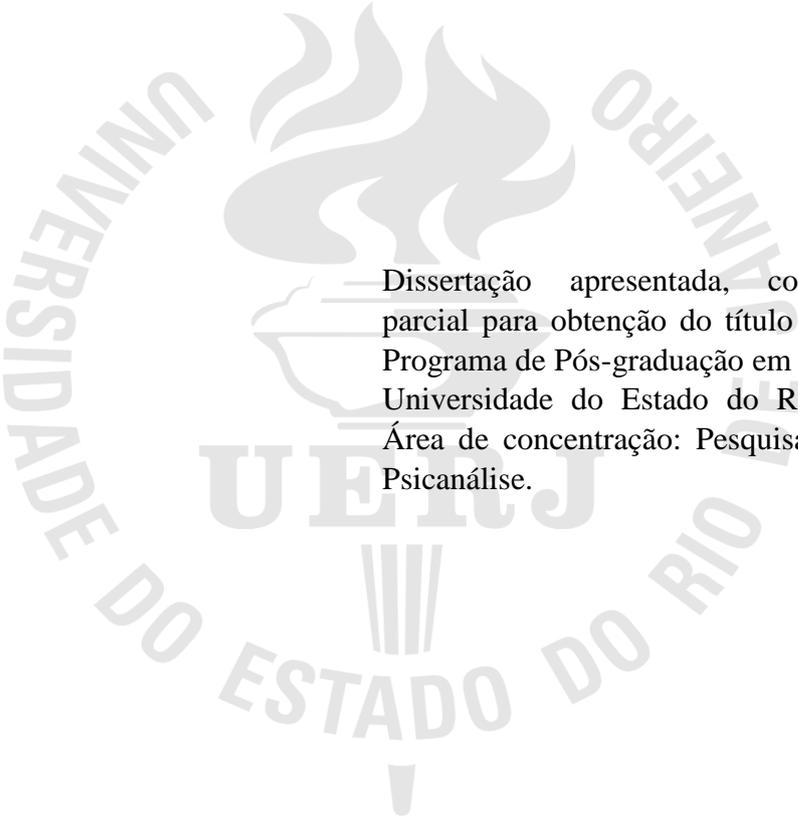
Sobre o estatuto do conceito de perversão: um estudo

Rio de Janeiro

2019

Cassia Amara da Conceição Bruno de Azevedo

Sobre o estatuto do conceito de perversão: um estudo



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pesquisa e clínica em Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

A994 Azevedo, Cassia Amara da Conceição Bruno de
Sobre o estatuto do conceito de perversão: um estudo / Cassia Amara da
Conceição Bruno de Azevedo. – 2019.
71 f.

Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto
de Psicologia

1.Psicanálise – Teses. 2. Perversão– Teses. 3. Sexualidade – Teses. 4. Ètica
– Teses. I. Jorge, Marco Antonio Coutinho. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Cassia Amara da Conceição Bruno de Azevedo

Sobre o estatuto do conceito de perversão: um estudo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Pesquisa e clínica em Psicanálise.

Aprovada em 16 de janeiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge (Orientador)
Instituto de Psicologia – UERJ - PGPSA

Prof. Dra. Nadiá Paulo Ferreira
Instituto de Letras – UERJ – PGPSA

Prof. Dra. Cláudia Braga de Andrade
Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFOP -NIPAC/UF RJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que, ao seu modo, sempre estiveram presentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeira e imensamente ao Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge, não somente por ter me aceitado como orientanda, ou por suas contribuições e orientações incomensuráveis, mas, antes de tudo, agradeço por sua generosa transmissão da psicanálise e por sua inspiradora forma de pesquisar. Por seu compromisso com a causa freudiana, por ensinar rigor teórico sem rigidez inútil. Meus mais sinceros agradecimentos!

Agradeço também a Prof. Dra. Nadiá Paulo Ferreira, por sua gentil presença no Exame de Qualificação dessa dissertação, mas também e, talvez, antes de tudo por seu importante lugar na minha formação, por suas aulas, por seu estilo afetuoso e na mesma medida crucial de ensino da psicanálise.

Deixo também meus agradecimentos a Prof. Dra. Cláudia Braga de Andrade por sua imediata acolhida para o convite de compor essa banca, por sua também generosa e relevante presença, pelas trocas e preciosas indicações para o avanço dessa pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição que me recebeu desde a graduação e me permitiu abrir um mundo de novas significações. Agradeço também ao Programa de Psicanálise, ao valiosíssimo corpo docente do qual dispomos, aos amigos e colegas do corpo discente por suas contribuições e atenciosa presença.

Agradeço ainda à Prof. Dra. Lígia Mendonça por sua indispensável presença ao longo do meu percurso de formação e estudos, por toda a sua rigorosa e relevante pesquisa no campo das perversões. Por suas apostas no meu trabalho, por toda troca e amizade legítima que construímos, meus mais honestos e profundos agradecimentos.

Agradeço a Viviane do Espírito Santo por sua escuta e acolhida que dosam a justa medida, para mim, na causação de desejo.

Não há como não agradecer à minha família, agradeço à minha mãe por sustentar comigo esta escolha por um percurso mais desejante. Aos meus irmãos por suas afetivas presenças, aos meus sobrinhos por tornarem a vida mais leve, por me permitir “brincar” com a realidade. Deixo minha homenagem póstuma ao meu pai, que sempre foi um grande incentivador das minhas mais ousadas apostas.

Por último, mas nem de longe menos importante, agradeço aos amigos e amigas que sempre me incentivam e permitem que o viver seja mais vivo e corajoso! Em especial ao Bruno Albuquerque e Maria Cecília Sousa por serem amparo no momento da escrita e em todos os outros. Agradeço a Juliana Leal e Mayra Carvalho por nossas trocas e formação

permanentemente afetuosa e inquietante; Camila Kushnir, Débora Sampaio, Deborah Klajnman, Dercirier Freire, Macla Nunes, Natália Travassos, Thatiana Britto, Thomas Speroni, Vanessa Lima por termos tecido amizades e muita transferência de trabalho. Aos colegas do Corpo Freudiano - Seção Rio, em geral, que sempre fizeram perguntas que me relançavam a um estudo detido e ao discernimento analítico. Mas, agradeço em especial, aos atentos e muito queridos Cláudio Piccoli e Heloneida Neri. À também querida Marlise D'Icahary que teve inapreciável contribuição para algumas chaves de leituras teóricas, por sua afetuosa e gentil partilha. E ainda, agradeço às amigas e amigos de ontem e sempre Bruno Mendes, Erica Ribeiro, Fernanda Avelino, Rozani Medeiros, Talita Oliveira e Tainá Galdino pela torcida e inegável participação na minha constituição subjetiva.

Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.

Guimarães Rosa

RESUMO

AZEVEDO, Cassia Amara da Conceição Bruno. *Sobre o estatuto do conceito de perversão: um estudo*. 2019. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta dissertação é uma pesquisa sobre o estatuto do conceito de perversão, em psicanálise, realizada no Mestrado acadêmico. Partindo da corriqueira e frequente associação entre perversão e perversidade, traçamos um percurso de estudos sobre o conceito em Freud e Lacan com intuito de interrogarmos essa e outras assertivas que rechaçam a perversão, reservando para ela um certo grau de obscurantismo teórico. Para tanto, iniciamos a investigação do conceito em Freud (1905), o primeiro capítulo busca destrinchar do que se trata, conceitualmente, a perversão. Discussões com a medicina, que é o campo de onde provem a noção, antes de receber a subversão freudiana. No primeiro capítulo, que se dedica a conceitualizar a perversão a partir disso, passamos a delimitar as devidas distinções entre perversão, perversidade, perversão polimorfa, um dos nomes para sexualidade humana, o mecanismo de defesa da perversão (*Verleugnung*) e o do inconsciente e, o paradigma do fetichismo. Passamos para o estudo da ética da psicanálise e sua relação com o escrito Kant com Sade no ensino de Lacan (1960;1962), seguindo para o conceito de estrutura até chegarmos ao conceito de gozo e ato perverso. Por fim, há um capítulo dedicado a fantasia fundamental numa articulação entre Freud (1919) e Lacan (1957-1958) e o masoquismo enquanto problema para economia libidinal, mas também a estrutura da perversão masoquista.

Palavras-chaves: Perversão. Sexualidade. Ética. Fantasia fundamental.

ABSTRACT

AZEVEDO, Cassia Amara da Conceição Bruno. On the status of perversion: a study. 2019. 71 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This dissertation is a research on the status of the concept of perversion, in psychoanalysis, held in the academic master's degree. Starting from the common and frequent association between perversion and perversity, we trace a course of studies on the concept in Freud and Lacan in order to interrogate this and other assertions that reject perversion, reserving for it a certain degree of theoretical obscurantism. For this, we began the investigation of the concept in Freud (1905), the first chapter seeks to unravel what is conceptually the perversion. Discussions with medicine, which is the field from which the notion comes, before receiving Freudian subversion. In the first chapter devoted to conceptualizing perversion from this, we proceed to delimit the proper distinctions between perversion, perversity, polymorphous perversion, one of the names for human sexuality, the mechanism of defense of perversion (*Verleugnung*) and that of the unconscious, the paradigm of fetishism. We turn to the study of the ethics of psychoanalysis and its relation to the writing Kant with Sade in the teaching of Lacan (1960, 1962), moving on to the concept of structure until we come to the concept of jouissance and perverse act. Finally, there is a chapter devoted to fundamental fantasy in an articulation between Freud (1919) and Lacan (1957-1958) and masochism as a problem for libidinal economy, but also the structure of masochistic perversion.

Keywords: Perversion. Sexuality. Ethics. Fundamental Fantasy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PERVERSÃO: O CONCEITO	13
1.1 Um primeiro momento da perversão em Freud	13
1.2 Fetichismo: um segundo momento	18
1.3 Psicopatia e perversão: conceitos correlatos?	31
2 ÉTICA E ESTRUTURA	39
2.1 A Ética da Psicanálise e o que nos ensina Lacan em Kant com Sade	39
2.2 A noção lacaniana de estrutura	47
2.3 Gozo e ato perverso	49
3 A FANTASIA FUNDAMENTAL	53
3.1 Bate-se numa criança: uma fronteira paradigmática entre neurose e perversão	53
3.2 Masquismo um terceiro momento da perversão em Freud	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

O discurso psicanalítico subverte o senso comum, aponta sempre para um mais além, isto é, para uma impossibilidade de esgotar as temáticas. Nele não há postulações rígidas e dicotômicas, há espaço tanto para o paradoxo quanto para o resgate da complexidade que constitui a sexualidade humana. Ao longo da exposição, pretendemos transitar pelos meandros e especificidades do conceito de perversão para psicanálise, sobretudo, a partir das elaborações freudianas e das contribuições lacanianas sobre os conceitos de sexualidade, perversão, fantasia, entre outros. A aposta se dá no sentido de elencar caminhos e distinções no campo das perversões.

Em psicanálise, considera-se que as moções inconscientes e pulsionais exercem influência no psiquismo do ser falante. Isso, contudo, não implica em validar justificações, desresponsabilizações ou quaisquer atribuições nesse sentido; ao contrário, o ponto é mesmo o da responsabilização de cada sujeito em suas escolhas e posições subjetivas, sejam elas inconscientes ou não.

Nesse sentido, a escolha em dar corpo ao presente trabalho surgiu a partir da minha experiência como estagiária de Psicologia¹ – atravessada pela psicanálise – em uma unidade masculina do sistema prisional do Estado do Rio de Janeiro, durante o curso de graduação, por aproximadamente um ano e dez meses. Esta unidade prisional funcionava em regime semiaberto, a saber: trata-se da última etapa do sistema penitenciário pela qual o sujeito que cumpre pena precisa passar para retornar ao convívio social.

Ao longo dessa vivência, em contato com sujeitos que cometeram os mais variados tipos de crimes, o observado é que havia uma automática rotulação dos autores de crimes sexuais. Pessoas de diferentes instâncias da instituição – internos, funcionários, operadores do Direito, profissionais da área técnica (incluindo os do setor da Psicologia), dentre outros – faziam, categoricamente, a seguinte afirmação a respeito desses criminosos: “*são todos perversos!*”.

Os crimes sexuais – aqui nos referimos ao estupro e à pedofilia – figuram como assunto de grande relevância na atualidade. Ao adentrarmos esse terreno, também pela via de sua relevância, o que nos move é a aposta de que a psicanálise dispõe de um arcabouço teórico-clínico preciosíssimo para abordarmos a problemática dos crimes sexuais. Isso

¹ Experiência vivenciada entre outubro de 2012 a setembro de 2014, na Unidade prisional de Bangu, onde estive como estagiária vinculada à Secretaria de Administração Penitenciária, durante o curso de graduação de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

porque, uma abordagem analítica sustenta eticamente um lugar de diferença face a outros saberes e se ocupa, sobretudo, de dar lugar às singularidades dos sujeitos.

Diante de tamanha recorrência discursiva, alguns questionamentos nos levaram a circular em torno do assunto: o horror que esse crime desperta permite-nos dizer que, no contexto dos crimes sexuais, é possível que sempre falemos de uma estrutura perversa? Podemos associar uma única estrutura psíquica a um ato ou fenômeno?

Na cultura, é possível constatar que o tema do abuso sexual está frequentemente em voga, movimentando as mídias e gerando grande repercussão no social, indicando-nos, com isso, a importância de sua apreciação com o resgate do rigor psicanalítico. No campo acadêmico, encontram-se muitas pesquisas acerca das chamadas vítimas de abuso, no entanto, o mesmo não ocorre referente aos autores desses crimes. Tal cotejamento parece-nos ser um forte indicativo de que o discurso do senso comum tende a repetir o discurso circulante no sistema penitenciário acerca dos sujeitos que cometem crimes sexuais, ou seja, o de que são “homens perversos”. Associado a isso, alguns discursos sustentam a questionável tese de que “o perverso é refratário à análise”. Ao longo deste trabalho, teremos espaço para sustentar a dissolução de tal equívoco.

Diante de tantas interrogações, consideramos importante nos ater ao fato de que a perversão, em psicanálise, é, na verdade, um campo das perversões. O conceito transita desde a forma como Sigmund Freud (1905) nomeou a sexualidade humana, passa pela especificidade de uma posição subjetiva (fixação e exclusividade da libido); um mecanismo de defesa (*verleugnung*) e uma posição particular na fantasia.

Convidamos, assim, o leitor a suspender a articulação inicial proposta pela questão disparadora do presente estudo – qual seja, a relação entre perversão e crimes sexuais – e propomos a inquietante utilização da cena do abuso/crime sexual como uma espécie de primeira alegoria para pensar a perversão. Tal alegoria serve de motor para nossa investigação, mas em última instância, tão somente para que possamos ultrapassá-la. A perversão não se reduz a única modalidade de expressão. Com efeito, propomos alçar a perversão a categoria de conceito psicanalítico, abarcaremos ramificações complexas que surgem, sempre buscando distinguir o que é da ordem da sexualidade/perversões, da fantasia que constitui a realidade psíquica para neuróticos e perversos, enfim, do vasto campo que o conceito abrange.

Para tanto, a dissertação está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo é intitulado “Perversão: o conceito”, é dedicado às contribuições freudianas para a formulação do conceito psicanalítico de perversão, distinto do campo da Medicina e do Direito. Também

priorizamos desfazer os corriqueiros equívocos conceituais em torno do tema. Ainda neste capítulo, discorreremos sobre o paradigma da perversão, segundo nossa leitura, ancorada no: fetichismo. Segue também uma breve exploração do conceito de psicopatia em discussão com a psiquiatria. Seria a psicopatia um conceito correlato ao conceito de perversão?

O segundo capítulo é dedicado substancialmente às contribuições de Jacques Lacan no que concerne a *Ética da psicanálise* (LACAN, 1959-1960/2008) cotejada com a abordagem do escrito lacaniano *Kant com Sade* (LACAN, 1966/1998). Investigaremos também a noção de estrutura em Lacan; e ainda, abordaremos os conceitos de gozo e ato perverso, sendo o segundo uma noção empreendida por outros autores (SUSINI 2006; FURTADO DE MENDONÇA 2015).

Por fim, o terceiro e último capítulo se dispõe a articular a relevância e as implicações para a clínica psicanalítica dos textos freudianos *‘Uma criança é espancada’ Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/2006) – cujo subtítulo desperta particular interesse, por ser favorável à nossa investigação. Sobretudo, ao considerarmos o retorno feito por Anna Freud (1921) e Jacques Lacan, em diversos momentos de seu ensino, sendo este o autor responsável por elevar as fantasias de espancamento do texto freudiano para o estatuto de fantasia fundamental – e o segundo artigo de Freud (1924/2006) intitulado *O problema econômico do masoquismo* que está em dialética com o anterior e contribui, de maneira indispensável, para o estudo da perversão tanto conceitualmente, quanto clinicamente.

Conforme indicado no título, ressaltamos que a proposta é investigar o estatuto que o conceito de perversão tem para a teoria psicanalítica, a atual pesquisa é apenas um dos recortes possíveis para abordar a temática. Sigamos, portanto, para a leitura.

1 PERVERSÃO: O CONCEITO

1.1 Um primeiro momento da perversão em Freud

Na canônica obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/2006), Freud disserta sobre a dinâmica da vida sexual do ser falante. O que há de subversivo se deve à concepção da sexualidade humana como algo que escapa da necessidade biológica. É bem verdade que a pulsão sexual “se apoia numa função somática vital” (FREUD, 1905/2006, p. 172), mas, em última instância, tão somente para desviar-se desta. Freud nos assegura que, há muito, a sexualidade humana desvinculou-se do objetivo restrito à reprodução da espécie e que, se analisarmos a sexualidade de qualquer sujeito dito normal, encontraremos também traços/características atribuídas aos ditos perversos (no sentido patológico).

Assim, concordamos quando pesquisadores em perversão afirmam que Freud nos apresenta “a perversão como um dos nomes da sexualidade humana” (FURTADO DE MENDONÇA, 2015, p. 17); e há também a evidência do caráter universal que ela assume na infância, a partir do conceito de perversão-polimorfa. Esta última data da exploração das zonas erógenas e se refere à investigação das possibilidades de exercício da sexualidade infantil. Caracteriza-se pela constituição autoerótica da pulsão sexual/libido, isto é, centrada no próprio sujeito (naquele que a exerce). E estamos de acordo com Maria Helena Martinho (2011); quando diz que a sexualidade perverso-polimorfa é uma exigência mesmo da pulsão, uma vez que a pulsão não tem objeto definido.

A noção de um sujeito perverso-polimorfo na infância merece a devida apreciação, pois trata-se de uma categoria que em si mesma, se tomada ao pé da letra, já indica que conceitualmente há uma relação estruturante para sexualidade humana que passa por uma operação perversa. Mas que, ainda assim, marca uma distinção da estrutura clínica perversa, por não se fixar como uma enquanto tal. O que concerne ao sujeito perverso não seria uma relação tão plural (polimorfismo) com o objeto, mas ao contrário, há uma posição de gozo muito singular e fixada a único objeto – objeto esse que, ao entrar no discurso psicanalítico, é tomado como sempre e tão somente um significante para o sujeito.

Não é difícil encontrar como definição da perversão, associada à estrutura perversa, a designação de autoerótica ou pré-genital, informando-nos que a pulsão sexual daquele sujeito se estagnou, não seguiu um fluxo “normal”. Amal Hachet (2005, p. 59), por exemplo, afirma que “a patologia dos agressores sexuais se situaria nas zonas arcaicas, com uma fixação em uma sexualidade pré-genital fetichista e incestuosa”. Esta afirmativa, certamente, implicaria

em uma concepção desenvolvimentista das fases da libido (oral, anal, genital ou fálica). A aposta freudiana de desvelar a sexualidade infantil implicou no estabelecimento de uma concepção da sexualidade desvinculada da genitalidade, e isso foi deveras importante para sustentar todo o referencial teórico que viria a ser desenvolvido pelo pai da psicanálise (COUTINHO JORGE, 2014).

Quanto a isso, vale ressaltar a contribuição de Elia (1995, p. 91) sobre a sexualidade infantil, quando sinaliza o fato de que, no entanto, ela não é “(...) para Freud, uma sexualidade fálica por incompetência, inibição ou imaturidade da criança para atingir a genitalidade, e não será, portanto, sucedida, no tempo do desenvolvimento, pelo alcance da primazia genital plena, dupla, integral”.

Resumidamente, a pulsão (*Trieb*) pode ser definida como "o conceito limítrofe entre o somático e o psíquico" (FREUD, 1905/2006, p. 159) e detém as seguintes características, apontadas por Freud desde 1905: objeto (*Objekt*), meta/alvo (*Ziel*), fonte (*Quelle*). Em 1915a, ele acrescenta a pressão, ou força constante (*Drang*). Destacando pontualmente:

O objeto é o que há de mais variado na pulsão. A meta é o objetivo da pulsão, ou seja, a satisfação que nunca é plenamente alcançada. A fonte diz respeito ao somático, ocorre em um órgão ou uma parte do corpo ou, dito de outra forma, “nas bordas orificiais” (COUTINHO JORGE, 2003, p. 36). Por pressão [*Drang*] “de uma pulsão entendemos seu fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa” (FREUD, 1915a/2006, p. 148), sendo esta uma propriedade universal de todas as pulsões, a sua essência.

Nos mesmos *Três ensaios*, Freud (1905/2006) articula o desvio em relação ao *objeto sexual* (pessoa de quem provém a atração sexual) e ao *alvo sexual* (ação para a qual a pulsão impele), descrevendo inúmeros casos em que haverá desvio das normas em cada um dos dois termos.

O primeiro caso investigado como perversão relativa ao objeto recai sobre os *invertidos* ou, como chamamos atualmente, homossexuais. Não obstante, e diferente do que argumentam certos críticos (pouco aprofundados na teoria freudiana), faz-se necessário frisarmos que Freud não sugere nenhum tipo de tratamento ou cura para tal “desvio”.

Segundo Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), esse equívoco em relação à perversão desencadeou um posicionamento bastante conservador de alguns analistas que defendiam a concepção de que homossexuais eram incuráveis, e que até mesmo estariam desautorizados a praticar a psicanálise.

Vejamos como Jean Laplanche e Jean-Bertran Pontalis (2010) compreendem o conceito de perversão:

Desvio em relação ao ato sexual “normal”, definido este como coito que visa a obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, bestialidade, etc.), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestimo, voyeurismo exibicionismo, sadomasoquismo); estas podem mesmo proporcionar, por si sós, o prazer sexual. De forma mais englobante, designa-se por perversão o conjunto do comportamento psicosexual que acompanha tais atipias na obtenção do prazer sexual (LAPLANCHE; PONTALIS, 2010, p. 341).

Trata-se, sem dúvida, de uma designação conceitual questionável, pois fixa a estrutura perversa exclusivamente à perversão sexual. Como vimos, a segunda está ligada a determinadas práticas ditas desviantes de uma norma que, a rigor, quando falamos de sexualidade humana, nem mesmo existe. Ou ainda, nas palavras de Alenka Zupancic (2008), "a sexualidade (humana) é um desvio enigmático-paradoxal [*paradox-ridden*] de uma norma que não existe". A autora ainda acrescenta que o desvio da pulsão é um desvio constitutivo, isto é, ser desviante é o único movimento possível. O sexual, em Freud, está mais além do sexual propriamente dito.

Podemos destacar, em Freud (1905/2006, p. 138), ao menos duas passagens que fazem avançar um pouco mais a discussão. No que diz respeito à heterossexualidade enquanto norma, há uma nota de rodapé acrescentada em 1915 – período no qual o autor aprofunda sua teoria das pulsões – indicando que “no sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não é uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química”. E quanto às perversões sexuais como constituintes da sexualidade, Freud diz que “a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal” (FREUD, 1905/2006, p. 162).

A exploração do conceito de perversão aqui empreendida esbarra nesses meandros que precisam ser pontuados, contudo, não nos deteremos tanto a eles. A proposta aqui, por ora, é abordar a tensão entre o que é um conceito psicanalítico distinguindo daquilo que é de outra ordem.

Seguindo nesse propósito, observa-se que é somente em 1972 que os manuais de psiquiatria retirarão a homossexualidade do quadro das psicopatologias e, quinze anos mais tarde, do rol das perversões, o que fez reverberar na psicanálise uma redefinição do conceito

de perversão. Lacan desempenha importante papel neste feito, por passar a sustentar um novo estatuto da perversão, retirando o sujeito perverso do rol das aberrações sexuais, tratando-se, portanto, de uma posição subjetiva que engendra uma modalidade de gozo específica e fixada para o perverso.

A inversão era comumente associada à degeneração, mas Freud (1905/2006) a distingue pontuando que os *degenerados* englobavam inúmeras formas de manifestações patológicas que não eram originadas por traumas ou doenças infecciosas. Ele demonstra cabalmente que tal concepção era equivocada, pois, na maioria absoluta dos casos de *invertidos*, não se tem indício de qualquer forma de degenerescência. Freud ressalta que, ao contrário do que se pensava, em geral, os homossexuais são pessoas dotadas de qualidades pessoais indiscutíveis.

No segundo item do texto relativo à perversão quanto ao objeto, *Animais e pessoas sexualmente imaturas como objetos sexuais*, Freud esclarece um pouco mais sobre a pulsão sexual, postulando que estes objetos podem assumir esta faceta em casos esporádicos ou ocasionais (quando uma pulsão urgente surge e não há objeto mais adequado para apropriar-se). Afirma que somente “excepcionalmente as crianças são objetos sexuais exclusivos; em geral, passam a desempenhar este papel apenas quando um indivíduo covarde ou impotente presta-se a usá-la como substituto” (FREUD, 1905/2006, p. 140). Neste trecho, demonstra a amplitude e flexibilidade que a pulsão sexual pode assumir.

Antes de avançarmos na apreciação dos *Três Ensaios*, detenhamo-nos a uma articulação importante sobre o uso que pode ser feito por adultos de crianças como objetos sexuais. Cabe aqui resgatar a valiosa contribuição de Sándor Ferenczi (1933), em *Confusão de língua entre os adultos e as crianças – A linguagem da ternura e da Paixão*. Sobre as seduções incestuosas, nos diz Ferenczi que elas:

[...] produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança se amam; a criança tem fantasias lúdicas, como manter um papel maternal em relação ao adulto. Este jogo pode tomar uma forma erótica, mas permanece sempre ao nível da ternura. Não acontece a mesma coisa com os adultos que têm predisposições psicopatológicas, sobretudo se o equilíbrio ou controle de si foram perturbados por qualquer infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou de substâncias tóxicas. Confundem as brincadeiras infantis com o desejo de uma pessoa que já atingiu a maturidade sexual, e se deixam levar a atos sexuais sem pensar nas conseqüências (FERENCZI, 1933, p. 116).

O fato de crianças terem sexualidade foi e é algo sustentado pela psicanálise, contudo, isso não significa dizer que elas querem praticar ato sexual. A sexualidade infantil é perverso-polimorfa, como já dissemos, o que implica em saber que a criança investirá em seus objetos

de amor (brinquedos, irmãos, amigos, figuras parentais), mas com as ressalvas e limitações infantis.

Retornando aos *Três Ensaio*s, no que diz respeito à perversão quanto ao *alvo sexual*, Freud nos revela que qualquer desvio da pulsão sexual de seu alvo dito normal (coito para fins reprodutivos) pode ser considerado perverso. Nessa perspectiva, são exemplos de perversões (no sentido de desviantes de uma norma) as carícias, o beijo, o sexo oral, o sexo anal, etc. Quanto a isso, nos adverte Freud:

Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão (FREUD, 1905/2006, p.152).

Em seu artigo *Le visage figé des perversions (O rosto congelado das perversões*, tradução nossa), Tim Dean (2016), filósofo foucaultiano, discute sobre as posições bastante conservadoras de alguns analistas lacanianos e propõe um debate sob a ótica da teoria de Michel Foucault. Segundo nos indica, há algo de particular nas relações de poder que incluem as perversões sexuais como não transgressoras.

O autor sustenta que Foucault e Lacan estão de acordo com a não necessariamente transgressiva concepção da perversão sexual, mas indaga se eles estariam dizendo essencialmente a mesma coisa. E responde-nos que não, esclarecendo que a diferença crucial reside em como a perversão nasce e como ela se estrutura. A descrição lacaniana vê nisso um modo distinto de estar em relação com a lei, enquanto a descrição de Foucault permanece inseparável da crítica das concepções de poder.

Como sublinha Furtado de Mendonça (2015), Freud (1905/2006), ao designar a fixação da pulsão a um objeto exclusivo, já estaria apresentando as noções de uma perversão enquanto estrutura clínica, distinta da neurose e da psicose. Inaugurava-se aí um novo campo da perversão, diferente da perversão-polimorfa. Nunca é demais pontuar que perversão, em psicanálise, designa uma estrutura, isto é, uma resposta particular dada por cada sujeito no que concerne aos impossíveis na relação com o outro (ou o Outro, como veremos com Lacan) e consigo mesmo, tal como a neurose e a psicose. De modo distinto, a perversidade é algo da ordem do hediondo, do cruel, característica esta que, vale explicitar, não é determinante de nenhuma estrutura do sujeito do inconsciente e tampouco é uma categoria analítica.

Quanto a questão do termo perversidade Phillippe Julien (2004) discorre sobre o tema trazendo como observação que a palavra perversidade deriva de perversão, tendo aquela seu

sentido pautado na moralidade e na religião. Nesse contexto, define-se que o sujeito quer o bem, mas o perverte/desvia para o caminho do mal. Segundo Julien (2004, p. 102), “o que era bom se ‘diverte’ e se inverte em seu contrário; é assim que se vai falar dos efeitos perversos”. Assim, associar perversão à maldade é reduzir a estrutura a uma única forma de expressão, a saber, o sadismo. E este está situado no prazer em infligir dor ao outro.

Numa obra dedicada a estudar o conceito de perversão, George Lanteri-Laura (1994), *Leitura das perversões*, desenvolve relevantes contribuições acerca dos termos perversão e perversidade. Na Medicina e no Direito, de certa forma, estes termos surgem truncados, o que leva o autor, e nós também, às seguintes indagações: “é a perversidade que faz o perverso, ou as perversões? Onde estão o acessório e o essencial?” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 26).

O discurso médico do século XIX, pautado na moralidade, catalogava as perversões como patologias. Já no campo do Direito, o discurso jurídico oscilava, principalmente por questões culturais, entre punir os sujeitos ditos perversos ou apenas tratá-los como desviantes, sendo estes últimos obrigados a se submeterem a médicos peritos.

Do ponto de vista da psicanálise, a estrutura perversa pode se expressar de variadas formas, como nos chamados *pares de opostos*, que se manifestam de modo masculino (ativo) ou feminino (passivo) compostos pelo sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo.

Freud (1905/2006) sustenta nos *Três Ensaio*s que, nesse contexto, a meta ativa (torturar / olhar) é substituída pela meta passiva (ser torturado / ser olhado). Vale ressaltar que estes processos são inconscientes e que quem assume uma meta ativa também assume uma meta passiva no seu inconsciente e vice-versa. Nas palavras de Freud: “... o sádico é sempre e ao mesmo tempo masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua vida sexual predominante” (FREUD, 1905/2006, p. 151).

O que, portanto, nos permite considerar que o sadomasoquismo comparece no mesmo sujeito e não se trataria, pois, de um encontro complementar entre um sádico e um masoquista. Dessa forma, do que se trata na perversão diz respeito a uma posição de recusa muito particular face ao desejo do Outro.

1.2 Fetichismo: um segundo momento

Segundo as leituras até aqui empreendidas e, sobretudo, segundo a concepção de Marco Antonio Coutinho Jorge (2010), os paradigmas da perversão podem ser expressos no fetichismo e no masoquismo. Resumidamente, podemos sustentar tais paradigmas quando

consideramos que toda perversão traz consigo um objeto pulsional (fetichizado), assim como a posição de objeto que todo sujeito falante ocupa ao entrar na linguagem, que é por assim dizer, o campo do Outro (assunto que será melhor abordado no capítulo III). Dito de outro modo, sobre masoquismo e fetichismo, enquanto paradigmas, podemos ponderar que no masoquismo denuncia-se claramente o que está em jogo no posicionamento perverso, esse lugar reservado à submissão, de maneira bastante particular, enquanto, no fetichismo demonstra-se com mais clareza o mecanismo que subjaz a vida psíquica do sujeito perverso, indicando qual foi o tratamento dado a realidade por ele. Neste capítulo, começaremos por delimitar o fetichismo na obra freudiana.

Em 1909, numa intervenção realizada por Freud, na reunião das quartas-feiras, para a Sociedade Psicanalítica de Viena, podemos encontrar sua primeira comunicação mais detida sobre o fetichismo - após o que já fora abordado nos *Três Ensaios* (FREUD, 1905/2006). Na Minuta de N° 70, em 24 de fevereiro de 1909, já de início, Freud ressalta a importância da clínica para a produção científica. Qual seja, clínica e pesquisa caminham juntas, a teoria deve estar ancorada na observação clínica dos casos. E não o contrário.

É apresentada uma análise freudiana, que não se pretende exaustiva, de outros autores que discutem o tema do fetichismo, tais como Alfred Binet e Richard Von Krafft-Ebing. O segundo é destacado por Freud (1909/1992, p. 374) como quem “mais do que em qualquer outro, que encontraremos um trabalho claro e direto daquilo que é essencial”. Freud apresenta a definição ebinguiana na qual se ancora e, a partir de suas observações clínicas, faz avançar a discussão. De acordo Krafft-Ebing, segundo Sigmund Freud:

[...] o fetichismo é a relação que se estabelece entre uma parte do corpo da mulher, ou um elemento particular de sua vestimenta, e a volúpia (Wollust). Foi Ebing quem introduziu o termo fetichismo e, neste sentido, ele salienta muito corretamente que, neste campo preciso, a passagem do normal ao patológico é muito fluida (FREUD, 1909/1992, p. 374).

A comunicação de Freud segue apreciando a tênue fronteira entre normalidade e patologia, a anormalidade estaria quando, em um sujeito, encontra-se a eleição de uma impressão parcial - de um interesse sexual - que combina em si própria todos os interesses sexuais em comparação a outros. É interessante notar que já nos *Três Ensaios* Freud destaca que o que haveria de patológico no fetiche é esta característica de fixidez e exclusividade da libido a um momento anterior, o termo freudiano para esta anterioridade é regressão, ao pré-genital. Mas não nos cabe, contudo, tomá-lo de maneira desenvolvimentista. Como se houvesse um lugar a chegar, analiticamente, o que subjaz a essa postulação é a ideia de que, na estrutura perversa, o sujeito evitará justamente o encontro com falta no Outro.

Contudo, é preciso ressaltar que o movimento de recuo diante da falta do Outro não é prerrogativa da perversão, pois está para todos os sujeitos. É por isso que podemos encontrar a ideia de uma condição fetichista para o sujeito do inconsciente (FREUD, 1905) e também por isso Freud se serviu de categorias postuladas por Binet para o fetichismo. Ressaltando que “a distinção feita por Binet entre fetiche maior e fetiche menor é útil, na medida em que explicita se o fetiche tornou-se independente ou não” (FREUD, 1909/1992, p. 375). O grande fetichismo se caracteriza por um domínio claro ao interesse sexual, enquanto o pequeno agiria “de forma invisível nas causas da atração sexual” (nota de rodapé, 1909/1992, p. 375).

Freud afirma que há pluralidade para escolha dos objetos que podem se tornar um objeto fetiche, entretanto, uma vez eleito, o objeto ganha caráter de exclusivo. Para Krafft-Ebing o fetiche tem caráter adquirido e teria estrita relação com uma situação vivenciada pelo fetichista “todas as inclinações fetichistas remetem a impressões recebidas durante a infância e são frequentemente esquecidas (!), enquanto que seu efeito perdura” (FREUD, 1909/1992, p. 375). E acrescenta que ainda que que ocorra lembrança, isso não significa que haverá modificação no paciente e muito menos um “fim de carreira do fetiche”.

São destacados por Freud (dentro da teoria ebinguiana) dois mecanismos presentes no fetiche, a saber: o fator infantil e a reminiscência, isto implica em postular que o fetiche coincidiria com a primeira excitação sexual e concomitante/simultânea associação feita pelo sujeito. Há valor temporal, na afirmativa de Ebing. O que nos remete a indagações sobre os casos em que essa simultaneidade não ocorre, neles caberá, portanto, supor que o sujeito tem uma disposição patológica. O que há de interessante nessa concepção psicanalítica que tem influências da literatura médica psiquiátrica, mas não cede dos princípios básicos do inconsciente; mais precisamente, a atemporalidade do inconsciente. Isto é, com frequência, podem haver casos em que não encontremos uma história linear de suposta causa e efeito, mas que ainda assim tenhamos elementos que marcam e indicam como o sujeito se posicionou diante de impasses para sua constituição sexual.

O campo dos estudos do fetichismo é perpassado por várias zonas obscuras; Freud observa que a noção de fetiche circula como designador de fenômenos mais amplos e fenômenos enigmáticos e afirma que é ao segundo que devemos reservar a categoria de fetiche. Não sendo, portanto, adequado o uso invariado do termo.

No que diz respeito ao amor, será que poderíamos atribuir uma posição fetichista ao sujeito apaixonado? Freud responde que o termo mais adequado seria *condições prévias ao amor* (*Liebesbedingungen*). “Alguns sujeitos completamente ingênuos apaixonam-se repentinamente porque uma de suas condições prévias ao amor, da qual nem suspeitam que

existam, foi preenchida (...) Estas condições prévias ao amor aproximam-se, então, totalmente do normal” (FREUD, 1909/1992, p. 376). O autor nos fala da relação dessas condições prévias referidas a uma “etiologia materna”, são marcas, reminiscências diretas relacionadas a ser amados ou até mesmo, por ação do recalque, justamente do contrário.

Os casos que devem ser, legitimamente, denominados de fetichismo há uma dinâmica completamente diferente. É possível compreendermos que no fetiche há recalque de uma pulsão instituído pela dissolução do complexo [de Édipo]: “um fragmento é realmente recalado, enquanto outro é idealizado, e neste caso, fetichizado” (FREUD, 1909/1992, p. 380).

São ao menos três os exemplos clínicos destacados por Freud que demonstram o que ele denominou de esquema. Isto é, o fetiche surge de uma operação psíquica que por um lado recalca um prazer pulsional e por outro idealiza um novo destino para pulsão, através do objeto. Freud nos brinda com casos que ilustram bem este mecanismo. Destacamos o caso de um homem psicologicamente impotente que tinha “fetichismo por vestimentas”; Todo seu interesse pelas mulheres, portanto, se restringia às roupas – algo que ultrapassava o plano erótico –, pois ocorrera algo semelhante no plano intelectual:

Seu interesse pelas roupas fazia eco a outros elementos referentes ao paciente: ele dedicou-se à especulação filosófica e dava muita importância aos nomes das coisas. (...) desviou seu interesse das coisas pelas palavras, de certa forma, as palavras vestem as coisas (FREUD, 1909/1992, p. 377).

Freud o descreve como um “espectador assíduo do desnudamento de uma pessoa amada que lhe era muito próxima: sua mãe” (FREUD, 1909/1992, p. 377). A relação de muita intimidade corporal, em que a mãe não tolerava “acanhamento”, o tornou *voyeur*. Esta etapa fora sucedida por um momento de recalque desta inclinação que também o distanciou das inclinações pela mãe. Posteriormente, ele tornou-se fetichista de vestimentas. Aquilo que lhe dava prazer (olhar) foi recalado e, a partir de então, ele passa a venerar as roupas, isto é, aquilo que lhe impedia de ver anteriormente. “ele tornou-se fetichista de vestimentas por recalque do prazer de olhar” (FREUD, 1909/1992, p. 378).

Seguimos ainda na investigação do fetichismo de pé, mas agora, ancorados em outra intervenção proferida por Freud, em 11 de março de 1914, intitulada “*A Case of foot fetishism*”. Apesar de óbvio, é preciso destacar que são Minutas que dialogam imensamente, há elementos em uma que elucidam questões na outra. Em ambas já encontramos indícios do que Freud retomará em 1927, ocasião em que ressalta o que já havia dito nos *Três Ensaio*s, mais especificamente, a ideia de que na perversão (aqui falamos da estrutura clínica) há

fixação e exclusividade em um objeto e a regressão libidinal permite que o fetiche opere, assim como também elementos embrionários na concepção do mecanismo da perversão, sem ainda nomeá-lo, mas no que diz respeito a ao movimento perverso de saber e negar a castração, nos são dados exemplos claros, como veremos a seguir.

Na comunicação para Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1914, Freud dá início a sua exposição indicando que o caso que será tomado como questão para apresentação, é, como indica o título de pé, o caso de um fetichista de pé de 47 anos de idade, psiquicamente impotente – a este respeito, há a interessante observação de Krafft-Ebing sobre a relação entre impotência psíquica e fetiche, destacada por Freud em 1909 “não é necessário que o sujeito tenha conhecimento de seu fetiche, mas em todos os casos, sem seu fetiche, a potência sexual está ausente. Se mais tarde ele estabelece as condições prévias à sua potência, então ele é fetichista” (FREUD, 1909/1992, p. 375) - que apesar de ter permanecido em análise por um curto tempo e sem sucesso, a peculiaridade desse tratamento permite lançar nova luz sobre a gênese da perversão, indicando precondições constitucionais e acidentais desta posição (perversa). Como sublinha Freud, “estas precondições estão no cerne do “trauma infantil” definido por Binet e demonstram a perversão já fixada” (FREUD, 1914, p. 244, tradução nossa).²

Partindo da história do caso como também da reconstrução analítica do desenvolvimento sexual do paciente, encontramos aspectos que remontam à origem da perversão e, em particular, ao fetichismo de pé. É provável que o pé tenha sido elevado a condição de objeto por ênfase excessiva na erotogenicidade do pé e correspondente/concomitante anormal estimulação sexual precoce (que nesse caso, advém da mãe, que era sexualmente bastante anormal (Freud não esmiúça essas anormalidades da vida sexual materna de seu paciente. Mas, a breve observação nos serve de índice para notar, uma vez mais, como a relação com o Outro marca a constituição do sujeito).

Por consequência de uma intimidação sexual durante o curso de seu desenvolvimento sexual, instalou-se uma regressão da libido – e são dois os momentos em que isso ocorre, um na infância e atrapalha o seu desenvolvimento sexual e outro na puberdade provocando a fixação. - Neste caso, o distúrbio do desenvolvimento sexual na infância é produzido pela angústia de castração, em parte produzida por seu pai, mas também, por parte da visão do genital de sua irmã (a recordação infantil é a de que estava deitado com a cabeça entre as

² “These are at the bottom of Binet’s “childhood trauma”, which shows perversion already fixated.”

pernas de sua irmã nua). Sua irmã tinha uma condição clínica (raquitismo) que impunha o uso de talas nas pernas e a partir daí que o pé é eleito ideal de excitação para ele.

Aos seis anos de idade, época em que o paciente já estava intensamente interessado pelos pés da governanta inglesa, ocorre a cena ‘traumática’ e a perversão parecia estar fixada. Apesar dessa aparente fixação, tal recurso permanece em estado de latência até a puberdade, momento em que, pela segunda vez, algo poderosamente temido relacionado aos genitais femininos (relação sexual) ocorreu por meio de seu tutor (a repetição de ameaças paternas). Somando a isso, há o significando simbólico do pé como substituto do pênis que estaria faltando na mulher (por resultado da castração) – há o sonho relatado em que sua esposa possui pênis – Há ainda mais relatos de sua posição submetida à uma espécie de jogo infantil (um dos exemplos, diz respeito a um momento que ele se porta como se fosse um cachorro sob a mesa, espiando a irmã). Freud supõe, então, que a explicação de seu interesse precoce pelo pé guarda relação com querer ver os genitais debaixo pra cima.

Houve também inibição de sua curiosidade sexual, devido o maior de todos os traumas, envolvendo sua irmã e, é a partir desse momento que a regressão tem início, nas palavras de Freud: “seu interesse em retornar ao ponto de partida de sua investigação sexual – que é o pé. Outra pré-condição é criada de acordo – predominância da pulsão escópica, e fixação sob a forma de tópica ou regressão ‘geográfica’” (FREUD, 1914, p. 244-245, tradução nossa).³

Neste ponto de sua teorização, Freud considera que o fetichismo de pé, seria uma subespécie do masoquismo, este último por sua vez, estaria conectado a relação homem e mulher (e comparece para o sujeito na chave do dilema edípico). O autor ressalta que o fator de maior relevância é a atitude da criança frente a intimidação sexual. No caso observado, Freud diz: “de um lado, ele irá lutar e defender seu pênis; de outro lado, ele irá aceitar a castração e se reconciliar com o papel feminino reservado para si”⁴ (FREUD, 1914, p. 245). Temos aqui mais uma elucubração sobre a posição do fetichista frente a realidade da castração, este é claramente o embrião do que será denominado por Freud, em 1927, como *Verleugnung*, ou seja, o desmentido da castração como veremos mais detalhadamente, a seguir.

³ “His interest is thrown back to starting point of his sexual investigation – that is, the foot. Another precondition is accordingly created – predominance of the drive to look, and fixation by way of topical or “geographical” regression.”

⁴ “On the one hand, he will accept castration and defend his penis; on the other hand, he will accept castration and reconcile himself to the female role.”

Há ainda alguns pontos verdadeiramente interessantes, acrescentados nesse mesmo parágrafo do qual retiramos a citação acima. Ao final da exposição do caso, Freud acrescenta a noção de que a questão das posições homem e mulher parecem depender do investimento bissexual primário, isto é, se o sujeito se direcionará para atividade ou passividade; esse direcionamento será determinante para o resultado de uma estrutura neurótica ou perversa. A tese freudiana é a de que, se alguém foi precocemente intimidado por um homem, haverá a tendência a ser masoquista em direção às mulheres, e vice-versa. Dez anos mais tarde, em *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924a/2006), Freud dirá que o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, indefesa, desobediente e má, “apesar de tantos elementos apontarem para vida infantil, chamei essa forma de manifestação do masoquismo de feminino” (FREUD, 1924a, p. 108) – Freud denomina de masoquismo feminino precisamente por um posicionamento do sujeito enquanto castrado.

Na comunicação de 1914, surge ainda uma “fórmula abreviada para o fetichista de pé: um secreto *voyeur* masoquista” (FREUD, 1914, p. 245)⁵. É bastante interessante essa aproximação de Freud, uma espécie de receita que mistura variadas expressões da perversão; tendo ênfase na posição (masoquista) de se oferecer como objeto. Com efeito, é esta a tônica que as perversões compartilham – o empuxo a se oferecer como objeto de gozo do Outro, como veremos com Lacan, mais adiante – contudo, cabem algumas observações acerca dessa formulação freudiana. Vincular fetichismo de pé ao masoquismo é um movimento encontrado no resgate freudiano da teoria de Krafft-Ebing, sobre o fetichismo de pé: “Ebing pensa que este fetichismo é de natureza masoquista, no sentido em que o sujeito atribui esta significação simbólica ao pé ou ao sapato da mulher por quem ele está pronto a se submeter” (FREUD, 1909/1992, p. 376).

O curioso é que Freud parece, com isso, sugerir que a base da perversão seria o masoquismo, mas o que ele descreve como fator mais significativo é um mecanismo muito próximo do que ele chamará de *Verleugnung* no ano de 1927. Tal como ocorre na neurose que, independentemente do tipo clínico, encontramos traços da outra forma de expressão neurótica (como também na psicose e entre estruturas), podemos deduzir o mesmo ocorre na perversão. Em 1914, Freud afirma que é do masoquismo que se origina o fetichismo, mas trata-se do contrário. Sobre o “secreto masoquista *voyeur*”, quanto ao voyeurismo, encontramos a ancoragem na elaboração sobre a pulsão de ver, no que tange ao masoquismo não nos é dado material que explicita bem esta relação. E vale considerar, estamos aqui, nos

⁵“The briefest formula for the foot fetishist would be: a masochistic secret voyeur.”

debruçando sobre uma intervenção oral. Na escrita, na elaboração teórica, essa fórmula infelizmente não aparece mais.

Nesta Minuta de 1914, também podemos encontrar uma nota de rodapé em que Freud diz que, de acordo com sua experiência, parece que o fetichismo de pé pode estar na fronteira da esquizofrenia:

De acordo com minhas experiências, parece que o fetichismo dos pés está na fronteira da esquizofrenia - isto é, o fetichista tenta sustentar a relação com o objeto por meio do fetiche (como um símbolo do objeto). Assim, uma divisão do Eu é provocada, uma vez que o papel do fetiche é aceito e negado (FREUD, 1914, p. 246, tradução nossa).⁶

Em momento posterior, contudo, em *Cisão do Eu* (1938/2006), Freud postulará que o fetiche é uma verdadeira defesa contra psicose. Observação importante, pois remonta a um dos casos que Freud trabalha em 1927, que, através da investigação de suas correspondências, Elisabeth Roudinesco (2016) pôde descobrir que o caso do fetichista de suporte atlético era uma esquizofrenia branda que foi acompanhada por Freud, Oscar Pfister, Eugen Bleuer entre outros. Na mais recente biografia de Freud, intitulada *Freud na sua época e em nosso tempo* (ROUDINESCO, 2016, p. 373) a autora afirma, sobre o caso que destacaremos, se tratar de uma relação “entre um cientista célebre, de vida célebre, e um paciente anônimo, imerso no sofrimento de uma vida minúscula, atara-se, a partir de 1925, um laço importante para evolução da conceitualidade psicanalítica”. Seria o momento no qual convivem duas realidades distintas, “um corte entre razão e desrazão, entre pensamento clínico e loucura”.

Vamos ao caso, Carl Liebman era um jovem americano, poliglota, sempre se sentiu diferente dos outros adolescentes – apesar de aparentemente guardar semelhanças com outros pacientes de Freud, acometidos de dos mais diversos quadros clínicos e refratários à análise. – Aos cinco anos de idade, ouviu uma ameaça de sua babá enquanto tomava banho. As seguintes sentenças foram ditas “vou cortar-lhe o pênis”, tal como “fizera com sua irmã”, se o menino continuasse a reclamar enquanto era, por ela, enxugado com a toalha. Na sequência disso, “manifestou com muita frequência intensa excitação sexual observando rapazes usando suporte atlético (*athletic-supporters*), e isso na mesma proporção em que fugia das atividades e se recusava a subir em árvores” (ROUDINESCO, 2016, p. 374). Carl, dentre outras idiosincrasias, tinha por postura evitar o contato com garotas. E “era obcecado com a sobrevivência de seus espermatozoides, que ele chamava de ‘espermanimálculos’, e, quando

⁶ “According to my experiences, it seems that foot fetishism stands on the borderline to schizophrenia – that is, the fetishist, attempts to sustain the relation to the object by means of the fetish (as symbol of the object). Thereby a split of the ego is brought on, since the role of the fetish is both accepted and denied.”

ejaculava via-se como um assassino de multidões. Pensou inclusive um dia ter matado um bebê” (ROUDINESCO, 2016, p. 374). Em pouco tempo, passou a praticar masturbação de maneira compulsiva, assim como passou a usar permanentemente suporte atlético por debaixo de suas roupas, o objeto tem valor de fetiche. Para se haver com a angústia de castração engendrada por atitude recriminatória de sua babá, um objeto suporte atlético foi eleito em sua defesa.

O jovem paciente se muda para Europa após formado, buscando se tornar artista, e também a procura de tratamento, pois já tinha passado por um analista americano, mas o tratamento não promovera reconforto. Carl passa por consultórios de Pfister que considera o caso grave e encaminha para consulta com Bleuler que sugere um diagnóstico entre “neurose obsessiva e esquizofrenia” e posteriormente, define como “esquizofrenia branda” (ROUDINESCO, 2016, p. 375).

Freud aceita o encaminhamento do rapaz feito por Pfister. No decorrer do tratamento, é observado que o caso inspira advertimentos quanto seu prognóstico, segundo Roudinesco, no curso do tratamento, Freud “sentia pelo rapaz real afeição, convencendo-se ao mesmo tempo de que ele era psicótico (demência paranoide) e impermeável a qualquer evolução, e que, sobretudo, não hesitaria em se suicidar tão logo surgisse uma oportunidade” (2016, p. 375). A biógrafa adiciona a observação de que o pai da psicanálise não recuava diante dos casos mais difíceis, em que o tratamento parecia impossível. Indagando sobre o lugar de referência que pertence a Freud.

Concomitante ao tratamento de Carl Liebman, Freud formulava e reformulava aspectos centrais em sua teoria, as diferenças estruturais entre neurose, psicose e perversão. Simultâneo aos atendimentos do jovem esquizofrênico, era o momento em que se dava o embate entre Freud e René Laforgue sobre o conceito de escotomização e sua utilização na psicanálise. André Bourguignon (1991), no mais importante estudo sobre o conceito metapsicológico, *O conceito de renegação em Freud*, discorre sobre os embates entre os dois acerca do sentido figurado de *Verleugnung*. Para Freud, o referido conceito dizia respeito ao mecanismo de renegação na perversão fetichista, enquanto que para Laforgue, parecia estar aproximado de escotomização. No entanto, como sublinha Bourguignon, Freud prontamente advertiu-nos de que não se tratavam dos mesmos destinos ou mecanismos: o primeiro dizia respeito ao que se encontra no fetichismo perverso, enquanto o segundo estaria ligado à esquizofrenia.

Bourguignon empreende um minucioso trabalho de pesquisa e exploração dos conceitos, em particular, se ocupa de distinguir e explicitar porque Freud afirmava de forma

tão rigorosa sua escolha por renegação. Inicialmente, Freud não entendia porque Laforgue insistia em sustentar o conceito de escotomização que foi definido nas palavras de Laforgue:

A escotomização é um ponto que se torna particularmente importante quando se quer dissecar a esquizofrenia. Acreditamos poder ligar o desconhecimento da realidade à escotomização, que corresponde ao desejo infantil, e portanto não recalcado, de não reconhecer o mundo externo, e sim de colocar no lugar dele o próprio eu (LAFORGUE, 1925 apud BOURGUIGNON, 1991, p. 53, grifos do autor).

Mesmo após esta definição proferida por Laforgue através de longo debate epistolar, Freud segue discordando e considerando incompreensível a utilização desse conceito pela psicanálise. Bourguignon conclui, com Freud, que a utilização do termo escotomização é inteiramente imprópria, “já que dá a entender que não houve percepção (...) Ora, o próprio Laforgue (1937) reconheceu que efetivamente existe percepção na escotomização. Portanto, não há razão para conservar este último termo” (BOURGUIGNON, 1991, p. 59). Dito de outro modo, toda a relevante discussão empreendida por Bourguignon, em seu retorno à obra freudiana, diz respeito aos tratamentos que a realidade recebe.

Há um trecho do livro em que o autor se detém nas distinções entre alucinação negativa, renegação da realidade e escotomização. “A alucinação negativa, de fato, é um fenômeno instantâneo, não duradouro, porque escapa definitivamente da consciência, ao passo que, na renegação se instala, geralmente por toda a vida, no psiquismo do feticista, por exemplo” (BOURGUIGNON, 1991, p. 60). A recusa na renegação (*verleugnung*) é de uma realidade muito específica, enquanto que os destinos proporcionados pela alucinação negativa ou escotomização (se fosse possível e preciso sustentar tal termo) se assemelham muito mais ao destino encontrado no recalque, isto é, “recordemo-nos que o motivo e o propósito do recalque era tão somente a evitação do desprazer” (FREUD, 1915b, p. 183).

Em suma, a conclusão que poderíamos chegar com Bourguignon e Freud é a de que, para a psicanálise, há três formas particulares e distintas do sujeito lidar – no sentido mesmo de negociar para não ser obturado por ela – com a realidade imposta pela castração. O neurótico recalca, o psicótico foraclui e o perverso desmente/renega.

Retornemos ao caso por ora examinado, para tratarmos de seu desfecho, em um dado momento da análise, Freud decidiu explicar ao jovem angustiado e infeliz suas teorias sobre a renegação perversa da ausência do pênis na mulher. Disse-lhe de sua especulação acerca da história do fetiche “segundo Freud o fetiche de Carl servia para dissimular todas as formas possíveis de ausência do pênis, e logo para negar a existência da diferença dos sexos. Freud acrescentou que, em sua infância, Liebman devia ter sofrido um choque ao descobrir que a

mãe não tem o pênis” (ROUDINESCO, 2016, p. 378) assim como a ameaça de castração, devido a ameaça de corte do membro.

A biógrafa acrescenta que o analista também empreendeu esforços, intimando o analisando a parar de se masturbar. A direção de trabalho para Freud estava ancorada na suposição de que sua interpretação aliviaria o seu paciente, mas, infelizmente, ele não obteve êxito. O que há de precioso para observarmos é a ação do significante *Schamgürtel*, que significa literalmente, em alemão, “cinturão da vergonha” (ROUDINESCO, 2016, p. 379). Isso evidencia que, na dimensão clínica, a articulação das palavras eleitas pelo sujeito sempre guarda algo de sua história e concilia em algum nível as circunstâncias mais desfavoráveis.

Apesar das intervenções de Freud não surtirem o efeito esperado (mudança de quadro) - ao contrário, o jovem Liebman tinha seu quadro psicótico cada vez mais intensificado – Carl estabeleceu forte afeiçoamento a Freud, mas justamente por Freud perceber que não podia ajuda-lo mais, resolveu encaminhá-lo para outra analista. Passado um tempo o Carl tentou suicídio. Decidiram por interná-lo em uma clínica psiquiátrica de prestígio e ele seguiu sua vida internado e se afundando cada vez mais em sua própria loucura. Dizia a todos que o Sr Sigmund Freud o fez descobrir a origem de sua doença “a visão do pênis ausente na mãe” (ROUDINESCO, 2016, p. 381). Liebman fora submetido a toda sorte de tratamento, mas sem resultado. Há relatos de que, todos os dias, ele dizia para equipe técnica “Sou o pênis do meu pai”. Como vimos (FREUD, 1909), saber não modifica a relação que o sujeito tem com o seu objeto fetiche, em casos mais graves, acentua em excesso a utilização desse recurso.

No artigo *Fetichismo* (1927/1996), Freud avança um pouco mais na elucidação do mecanismo presente no fetiche, a *Verleugnung* – que pode ser traduzido como o desmentido da castração ou renegação, recusa, entre outros.

O perverso renega a castração, a falta. Para ele “*a mãe tem o falo!*”. Esta é a sua resposta ao dilema edípico: o sujeito perverso repudia a realidade, pois reconhecer que falta alguma coisa ao Outro imporá barreiras ao seu próprio desejo. Por essa via, o perverso se recusa a reconhecer que “falta alguma coisa ao Outro, por mais que no fundo o sujeito saiba perfeitamente que falta alguma coisa ao Outro (é somente o sujeito psicótico que não o reconhece, forcluindo essa falta)” (ALBERTI, 2005, p. 347). Poderíamos explicitar que lógica na perversão é a seguinte: o encontro com a castração implica que algum contorno a ela seja produzido. Contornar a castração, dar uma resposta que engendre uma via possível para o desejo é, com efeito, a função de todas as estruturas clínicas, na perversão, esse contorno ou resposta reconhece que há limite para a satisfação pulsional, ou seja, que a satisfação é sempre e tão somente parcial, mas simultaneamente nega, para o perverso o parcial tem valor de todo.

Octave Mannoni (1973) contribui para a temática, afirmando que:

O fetichismo repudiou a experiência que lhe prova que as mulheres não têm falo, mas não conserva a crença de que elas tenham algum, ele conserva um fetiche porque elas não têm. Não só a experiência não é apagada, mas se torna para sempre inapagável, deixa um estigma indelével cujo fetiche está marcado para sempre. O que se apaga é a lembrança (MANNONI, 1973, p.11, grifos do autor).

Desse modo, a fórmula “*Eu sei, mas mesmo assim ...*”, introduzida por Mannoni, nos esclarece novamente que a renegação opera permitindo o fetiche; saber e negar coexistem: o que se nega é conservado no fetiche.

Sobre etimologia do termo fetiche, em Marques e Furtado de Mendonça (2013):

A palavra fetiche vem do português, feitiço, originado do latim facticius, que significa artificial, magia, sortilégio, bruxaria. O termo feitar significa feita, execução. À mesma família pertencem feiticista, mágico, fada, feitismo, fetichismo e feiticista, passando a ideia de algo fabricado, falso, que como o sortilégio se presta ao manejo mágico. Logo, o objeto fetiche atrai e se fixa como único e exclusivo objeto que trará satisfação ao sujeito, negando e afirmando, ao mesmo tempo, a castração da mulher (MARQUES; FURTADO DE MENDONÇA, 2013, p. 197-198).

O fato de que na obra freudiana encontramos, na mesma época a publicação dos escritos *Fetichismo* e *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927), permite-nos considerar parece que neste momento Freud se ocupara de uma questão mais específica da realidade psíquica. O texto *O futuro de uma ilusão* trata de analisar criticamente qual é o lugar reservado para religião na vida dos sujeitos, mas há dois elementos que são relevantes para a atual comentário que estamos tecendo: O primeiro deles, a ilusão, em psicanálise, não é um erro, não é a mesma coisa e tem por característica derivar de desejos humanos.

Poderíamos, portanto, defini-la como uma crença carregada de afetos (desejos) que despreza as relações com a realidade (FREUD, 1927b, p. 40-41). E o segundo elemento, não menos relevante que a definição do conceito é a etimologia da palavra ilusão que em uma de suas acepções guarda relação com a noção de “entrar no jogo”⁷. Dito isso, variadas elucubrações seriam possíveis, mas vamos nos limitar a dizer que ao falar de realidade psíquica, na teoria freudiana, estamos sempre ou quase sempre remetidos a uma posição infantil com algum nível de ludicidade promovido.

Wulff (1946) afirma que “a Psicanálise considera que a perversão consiste numa regressão a um componente da pulsão primária infantil, que conseqüentemente se torna autóctone e domina toda vida sexual do indivíduo, e vem a ser a fonte principal de sua

⁷ “O termo se forma por *in-*, dando a sensação de inclusão, mais *ludere*, de *ludus*, “jogo, brincadeira”, que deriva do Indo-Europeu *leidh-*, “brincar” (Origem da Palavra, 2019).

gratificação sexual”. Analiticamente, o que subjaz à eleição de um objeto fetiche, na perversão, é o fato de que o sujeito evitará justamente o encontro com o representante da falta e com a angústia que advém daí, que pode ser encarnada pelos genitais do próprio sujeito, assim como do outro (enquanto alteridade).

Dito de outro modo, o que a fixação em etapas específicas da libido almeja é evitar o encontro com a falta, ou seja, o impossível.

Em *A organização genital (Uma interpolação na teoria da sexualidade infantil)*, Freud (1923/2006) trabalha a dificuldade que a criança tem para se haver com a diferença sexual. Indica-nos que há uma proximidade entre a vida sexual do adulto e a vida infantil, apesar de não se tratar do mesmo. E, dentre outras coisas, é disso que se trata na perversão: um rechaço à diferença. O tratamento que se dá a ela – diferença sexual – inclui velamentos, seja através de um fetiche, seja através de uma posição muito particular frente ao Outro. Tal posição é o que analisaremos mais atentamente nos capítulos a seguir.

De modo recorrente, nos deparamos com a corriqueira e equivocada (não) compreensão do sintagma freudiano “a neurose é o negativo da perversão” (1905/2006), lido como “o neurótico fantasia, o perverso põe em ato”. Tenhamos cautela porque, de fato, não se trata exatamente disso, pois tanto na neurose quanto na perversão “há a ação do Nome-do-Pai, há recalque originário e, por conseguinte, instauração no inconsciente da matriz psíquica chamada fantasia fundamental” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 78).

A condição de ser negativo, de imediato, nos remete ao mecanismo do perverso que é a *Verleugnung*, no qual saber e negar a castração são operações que coexistem. Tal mecanismo parece guardar íntima relação com os processos de funcionamento do próprio inconsciente, o que nos transporta para a delicada distinção entre o que é um mecanismo de defesa geral – *Cisão do Eu no Processo de Defesa* (1938/2006) – e o que é o mecanismo da estrutura psíquica.

Paola Mieli (2013, p. 222) contribui para distinção da cisão do Eu na neurose e na perversão. Partindo de Freud, a autora alerta que “a diferença é estrutural e topográfica”. Ainda em suas palavras:

[...] o fetichismo não envolve uma cisão entre o Eu e o Isso, mas uma cisão, uma franca oposição do próprio eu em seu trato com a realidade. [...] Ele sustenta tanto a ideia da universalidade do mecanismo da renegação quanto da especificidade estrutural diferente na qual a renegação ocorre. [...] O que caracteriza o fetichismo é a renegação específica da diferença sexual (MIELI, 2013, p. 223).

1.3 Psicopatia e perversão: conceitos correlatos?

A psicopatia é um termo psiquiátrico cuja a inserção na cultura habita discursos bastante rígidos, vinculando ao sujeito dito psicopata componentes de perversidade atrelados à denominada ausência de culpa. Para a psicanálise é disso que se trata na perversão? A psicanálise é fundada em constante discussão com os mais variados campos do saber. Este subcapítulo é reservado para uma apreciação de um conceito advindo da medicina (tal como fora a perversão em momento inicial para Freud) a fim de encontrarmos as diferenças e pontos de avanço para o discurso psicanalítico.

Para tanto, repertoriaremos, de forma sintetizada, relevante material bibliográfico sobre o tema com o principal intuito de cotejar parte da bibliografia que Freud teve acesso para elaborar seus *Três Ensaio*s (1905).

Psychopathia Sexualis, de Krafft-Ebing, é tida como a primeira obra que se ocupa de um levantamento sistemático e completo das mais distintas formas de perturbações da sexualidade humana, no âmbito da medicina e da psiquiatria (PEREIRA, 2009). Tal material é brilhantemente explorado por Freud nos *Três Ensaio*s sobre a Teoria da Sexualidade. Pereira (2009, p. 380) acrescenta que o Tratado de Krafft-Ebing “tornou-se uma espécie de paradigma da apropriação do erotismo humano pelo discurso médico e positivista a partir do século XIX!”

No artigo de Rogério Paes Henriques (2009), intitulado *De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência*, encontramos um consistente lastro teórico sobre o termo psicopatia e sua expressão na psiquiatria. O autor discorre sobre a acepção inicial que se refere à ideia de doença (patia) mental (psico) até chegar a concepção de “personalidade antissocial”, que pressupõe uma série de especificidades características (dezesseis para Cleckley, por exemplo), que envolvem, por exemplo, falha de caráter, conduta desviante e ausência de culpa. O autor também nos atenta para a substituição feita do termo psicopatia por *parafilias* em alguns manuais de psicopatologia. Vale ressaltar que esta se aproxima muitíssimo do que, em psicanálise, entendemos por perversões sexuais.

Henriques (2009) afirma que “a nosografia psicanalítica, por sua vez, dilui as fronteiras entre psicopatia e parafilias, concebendo a ‘perversão’ como uma estruturação subjetiva, isto é, como uma das saídas do complexo de Édipo” (HENRIQUES, 2009, p; 293). Poderíamos melhor localizar as parafilias no campo das perversões sexuais. Isto é, as perversões sexuais – que aqui já foram definidas como um dos nomes da sexualidade humana

– não caracterizam, por si só, uma estrutura perversa. Algumas parafilias se tornam estrutura perversa, entretanto, nem toda parafilia é uma perversão. Henriques afirma que “as parafilias agrupam-se entre os transtornos da esfera sexual”. Em momento anterior, define parafilia como “gosto pelo acessório”, isto é, gosto pelo que não é o principal no ato sexual, o que vem a ser, na prática, gosto por práticas não genitais ou desviantes/perversas” (HENRIQUES, 2009. p. 293 e 292, respectivamente).

Sobre as contribuições de Krafft-Ebing, Lantéri-Laura acrescenta um certo ganho para o campo das perversões e suas diferenciações:

Krafft-Ebing pôde, assim, delimitar o campo específico das perversões, graças ao inocente e pedantesco termo *parafilias*, nele abrigo todas as satisfações eróticas cujo objetivo não parecia ser a preservação da espécie, através de um raciocínio que levou a reconhecer que, em última análise, o próprio prazer é que talvez fosse perverso, ou pelo menos, viciado e depravado (LANTÉRI-LAURA, 1994, p. 39).

Por outro lado, Tim Dean (2016) nos alerta, de maneira crítica, sobre a perversão:

Mas substituir por ‘parafilia’ ou outro termo equivalente apenas mascara as rachaduras desse raciocínio pretendendo estabelecer uma neutralidade de valores que não tem nem mérito nem autenticidade. É possível que a <<perversão>> seja, de fato, um termo de uso indigesto, um termo que nos obriga a estar atentos às tensões mantidas dentro do conceito e às diferenças políticas que desperta?⁸ (grifos do autor, tradução nossa)

Nessa discussão, Castro e Rudge (2003) postulam que “na própria metapsicologia freudiana se diferencia a perversão polimorfa, característica da sexualidade infantil, daquela que é efeito da posição do sujeito que, diante da castração, escolhe recusá-la. Desta vez, ela não está mais acompanhada do adjetivo sexual” (CASTRO e RUDGE, 2003. p. 82). O que nos indica a necessidade de rigor teórico ao trabalharmos conceitos psicanalíticos, sobretudo, no campo das perversões, no qual reside essa particular tensão entre o que é o conceito e o que é de outra ordem.

Tal tensão, que nos convida e convoca ao trabalho, comparece de forma a nos atermos ao que surge de complexo ao adentrarmos esse terreno. Krafft-Ebing considera que algum nível de sadismo – ou seja, de atividade, em termos psicanalíticos – pode ser encontrado nos sujeitos ditos normais: “até no estado fisiológico é comum ver indivíduos sexualmente muito excitáveis morderem ou arranharem seu parceiro durante o coito” (KRAFFT-EBING, 2009, p. 387).

⁸ “Mais le substituer par ‘paraphilie’ ou un autre terme équivalent ne fait que masquer les fissures de ce raisonnement en prétendant établir une neutralité de valeurs qui n’est ni mérité ni authentique. Est-ce possible que « perversion » soit en fait un terme utilement indigeste, un terme qui nous force à être conscient des tensions tenues à l’intérieur du concept et des différences politiques qu’il suscite?”

Para tratar de termos patológicos, o autor usa a literatura e os registros de crimes como fontes para elencar as características mais específicas ao sadismo, a saber: atividade na crueldade, violência e volúpia. Acrescenta ainda que elas podem comparecer de maneiras não excludentes entre si. E que, inclusive, há relatos de sensação de volúpia durante combates de guerra. Em suas palavras:

[...] nos horrores de um saque, os soldados costumam sentir uma volúpia bestial. [...] Em meio à exaltação do combate, a imagem da exaltação da volúpia vem à mente. Vejam, em Grillparzer, a descrição que um guerreiro faz de uma batalha: “E quando toca o sinal, – quando os dois exércitos se confrontam, – peito contra peito, – que delícias dos deuses! – Por aqui, por ali – inimigos, – irmãos, – são derrubados pelo aço mortal. – Receber e dar a morte e a vida, – numa troca alternante e cambaleante, – numa selvagem ebriedade! (Traum ein Leben, ato I, p. 388).

Talvez, caiba considerar que essa ambivalente descrição acima comporta o que há de estrutura princeps das relações humanas; o amor e o ódio / excitação e repúdio direcionados ao mesmo objeto. O que figura como conteúdo manifesto, muitas vezes, sinaliza, de forma paradoxal, que o oposto também comparece em conteúdo latente, a nível inconsciente. Conforme sinalizado por Freud (1932, p. 215), “não devemos ser demasiado apressados em introduzir juízos éticos de bem e de mal.”

Estamos no campo da pulsão de morte (conceito que será mais detidamente explorado em capítulo posterior), contudo, não nos furtemos de tecer breves comentários importantes. Freud (1932, p. 216) adverte que nos seres humanos há inumeráveis motivos que sustentam uma guerra. E acrescenta que “entre eles está certamente o desejo de agressão e de destruição: as incontáveis crueldades que encontramos em nossa história e em nossa vida de todos os dias atestam sua existência e sua força”.

De acordo com as postulações freudianas, podemos considerar que a pulsão de morte é disruptiva ao passo que sua “antagonista”, a pulsão de vida, liga, sexualiza e promove destinos outros para esta força constante. Dito de outra forma, a civilização, a princípio, trabalha contra a guerra.

Retomando os escritos de Krafft-Ebing, o autor segue descrevendo as linhas tênues entre o comportamento sexual normal e o patológico, sendo possível notar rigor e esforço para esboçar as diferenças. Na concepção do psiquiatra alemão, “o sadismo não passa de um exagero patológico de certos fenômenos acessórios da *vita sexualis* que podem ocorrer em circunstâncias normais, sobretudo no macho” (KRAFFT-EBING, 2009 p. 390). Cabe aqui ressaltar que a categoria de macho assinalada pelo autor se aproxima muitíssimo do que concebemos por masculino (ativo), tal como postulado por Freud desde os *Três Ensaios* (1905).

O autor segue destacando casos em que o sadismo toma forma após, por exemplo, um quadro de impotência sexual ou apenas tardiamente, na vida do sujeito. E conclui com a prudente indicação de que, de modo independente “da característica externa do ato, para compreendê-lo, é essencial examinar as disposições perversas da alma e o sentido do pendor do indivíduo afetado” (KRAFFT-EBING, 2009, p. 392).

Maria Josefina Medeiros Santos (2013; 2016), autora, respectivamente, da dissertação de mestrado *Sob o véu da psicopatia...* como também do artigo *Do “psicopata monstro” ao “psicopata comum”: os desmentidos nosso de cada dia*, contribui consideravelmente para a temática a partir de um posicionamento analítico. Ela adverte que “o psicopata, tal como a psiquiatria o concebe, é aquele indivíduo que encarna o desmentido, o que não significa que ele seja necessariamente perverso” (SANTOS, 2016, p. 88). Propõe considerarmos uma ideia mais sofisticada que implica em conceber *os efeitos do desmentido*. Nas palavras da autora:

O desmentido, a recusa ou a Verleugnung, se faz ouvir em diversos âmbitos, não apenas no domínio da castração dita estrutural, mas justamente nesse festival de “sei, mas eu não tenho nada a ver com isso”, “por que eu tenho que fazer isso?”, “quem disse que tem que ser assim?”, “nada é impossível” e etc. Todas essas frases, repetidas tal como uma ladainha por um sem número de indivíduos contemporâneos, são perfeitas ilustrações disso que chamamos de “efeitos do desmentido” (SANTOS, 2016, p. 88).

E acrescenta:

Para entendermos essa espécie de difusão da “perversão comum”, tal como nos diz Jean Pierre Lebrun (2008), é preciso retomarmos Freud. O texto que nos surge como fundamental é o “Divisão do eu no processo de defesa”, de 1938. Neste texto há uma ideia basilar, qual seja, a de que a Verleugnung está presente em todos nós nos primórdios da infância. O desmentido ou a recusa é uma operação que permite que toda criança comece a enfrentar a descoberta da castração. A criança, ao ver a castração materna, a vê, mas cria uma teoria do tipo: “ah, ela não tem, mas vai crescer mais tarde”. A Verleugnung, portanto, permite uma modificação da realidade concreta, nos traços de percepção (SANTOS, 2016, p. 89).

Dito isso, surgem as questões: *Verleugnung* estaria para todos? Se é estrutural, o que determinaria a estrutura perversa? Santos (2016) esclarece:

É justamente neste ponto que entra a importância do Outro como aquele que ‘tenha fomentado, ou, no mínimo, confirmado a renegação’ (Lebrun, 2008, p. 265). Nesse sentido, verificamos toda a importância do Outro como uma instância que avaliza ou não a tendência ao desmentido (SANTOS, 2016, p. 90).

O que nos indica que mais do que um mecanismo de defesa, uma impostura social, a perversão diz de uma posição frente ao Outro, uma organização particular de trato com realidade que não prescinde do Outro (tal como na psicose), ao contrário, é necessário que ele entre, por assim dizer, no jogo.

Em artigo intitulado *Personagens psicopáticos no palco* Freud (1905-1906/1996) apresenta o termo “psicopatia” empregado no sentido genérico, significando “doente mental”. Contudo, há uma importante contribuição para a clínica da neurose. Freud versa sobre os efeitos do personagem psicopáticos na plateia. E assevera:

[...] quando a fonte de sofrimento de que deveríamos participar e extrair prazer já não é o conflito entre duas moções dotadas de consciência quase igual, mas entre um impulso consciente e uma moção recalçada. Aqui, a condição de gozo é que o espectador também seja neurótico. É que só ao neurótico pode advir prazer, e não simples repugnância, da revelação e do reconhecimento mais ou menos consciente da moção recalçada; no não-neurótico, esse reconhecimento deparará apenas com uma repugnância e o predisporá prontamente a repetir o ato de recalçamento [antes aplicado à moção]. É que, nessas pessoas, esse ato se fez com êxito, e um único dispêndio de recalçamento bastou para partida, o recalçamento está sempre à beira do fracasso; é instável e requer gasto constantemente renovado - justamente o gasto que lhe é poupado pelo reconhecimento da moção. No neurótico, [...] o dramaturgo {não} provocará apenas gozo pela liberação, mas despertará também uma resistência (FREUD, 1905-1906/1996, p. 300, grifo do autor).

Em seu artigo *Emanações da caixa de Pandora*, Cassandra Pereira França (2010), descreve que, a partir dos manuais de psicopatologia, podemos encontrar proximidades entre a conduta antissocial, psicopática e a psicose. Postula, então, sobre o termo ato psicopático:

[...] sentido súbito e brutal do ato psicopático e que evidencia o quanto não há nele mediação da linguagem - tanto é que o sujeito só consegue explicar sua crise com palavras estereotipadas ou racionalizações secundárias, uma vez que fica tomado por grande vazio mental. A afetividade do psicopata mais parece estar paralisada numa posição primitiva, geralmente assimilada às condutas de oralidade, impregnadas pela avidez e pela intolerância à frustração. E a angústia, exatamente por ser terrificante, não pode emergir, tendo de ser evitada a qualquer preço! Este é o sentido do ato psicopático: uma fuga sistemática da angústia pela atuação, o que justifica a ausência de conflito interno, de sofrimento ou de vivência de culpa. A intensa labilidade emocional do psicopata torna seus atos completamente imprevisíveis, pois o psiquismo, por não ter nenhuma possibilidade de elaboração diante da emergência da pulsão, faz com que a atuação brote diretamente da pulsão, vindo daí a frieza que denota a ausência de emoção no momento do ato (FRANÇA, 2010, p. 41).

Nesse ponto da discussão, trazemos a noção lacaniana de *passagem ao ato* em que o sujeito rompe com o simbólico, com a linguagem. Diz Lacan:

O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito, ele se precipita e despenca fora da cena. Essa é a própria estrutura da passagem ao ato” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 129).

É importante ressaltar que a passagem ao ato não é prerrogativa da estrutura psicótica, apesar de encontrarmos maior incidência do fenômeno nesses sujeitos. Isso se deve à súbita invasão do Outro, fazendo com que o ato se presentifique como tentativa de barrar esse Outro invasivo. De modo distinto, na neurose e na perversão, a fantasia se coloca como anteparo a

estas súbitas invasões, todavia, nada impede que, dadas as devidas circunstâncias, a fantasia vacile.

Retornando ao conceito de psicopatia, no capítulo *O desequilíbrio psíquico – personalidades psicopáticas, perversidade, perversões sexuais. Toxicomanias*, Henry Ey (e colaboradores, 1978) postula que uma concepção mais geral, que se afasta de julgamentos morais – no que tange à psicopatia e a seus derivados – poderia ser a de adotar o termo *disgenesia da personalidade*. Chama-nos a atenção o subtítulo do capítulo não vincular, de pronto, tais manifestações desviantes à estrutura perversa.

Encontramos ali também a cuidadosa sustentação de que há elementos dinâmicos na constituição de condições clínicas, das mais variadas, rompendo-se, assim, com a tendência a privilegiar condições inatas ou adquiridas quando se trata de doença mental. Os autores enumeram tópicos que devem ser levados em conta na investigação de doenças mentais crônicas (ressaltam que a cronicidade não significa intratabilidade ou irreversibilidade do quadro) e destacam o ato ou atuação / *acting out*, isto é, aquilo que “designa uma ação simbólica executada durante o tratamento, “material” motor ao invés do material verbal, analisável nessas mesmas condições na transferência” (EY, 1978, p. 372).

Sublinham ainda que há a marca da repetição de uma situação arcaica que já fora apropriada nas vivências do sujeito em questão. A atuação psicopática carrega, assim, a “diferença capital de que não se trata de um ato simbólico isolado, mas de uma realização completa e repetitiva, como se a energia bloqueada *passasse por inteiro ao ato* de maneira habitual” (EY, 1978, p. 372, grifos do autor). Acrescenta que o ato é uma defesa em relação à angústia que não pode emergir de forma alguma.

Para Lacan, o *acting out* é oposto a passagem ao ato, pois se caracteriza por ser “essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo *acting out*, sua orientação para o Outro, deve ser destacada” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 137). Dito de outra forma, há um apelo ao Outro, e não, de fato, uma ruptura, ou seja, é marcado por um endereçamento, um apelo, um chamado simbólico.

Ey (1978) descreve as manifestações da psicopatia nas três estruturas clínicas da psicanálise. Na neurose, os psiquiatras buscariam, em suas avaliações, por traços de sofrimento interno e esboço de culpa: “Podem ser elementos histéricos perceptíveis, centrados na negação da castração; a mitomania constitui-se em um exemplo; podem ser elementos da série obsessiva, sob a forma da *obsessão-impulso com atuação*” (BINDER, 1944 *apud* EY, 1978, p. 376 – grifos do autor).

Na psicose, a chave da psicopatia se expressa no comportamento impulsivo, forma de “autismo apático” (*Guirand*), com crises catatônicas, estereotípias verbais, motoras sobre um fundo de permanente mau humor” (EY, 1978, p. 376).

Detenhamo-nos na relação entre psicopatia e perversão sustentada de forma perspicaz por Ey quando observa que:

[...] a conduta perversa se distingue da conduta psicopática por sua excelente adaptação à realidade. O perverso está, inclusive, como se diz corretamente, “superadaptado” às condições sociais. Porém existem estádios transitórios entre as duas condutas. Naturalmente, neste caso, são os psicopatas sexuais que proporcionam os exemplos: violação, exibicionismo, voyeurismo” (EY, 1978, p. 376).

Este momento de nosso estudo está dedicado verificar postulações e saberes de um campo que não é o nosso, mas que partilha de dificuldades semelhantes. O psiquiatra alemão Kurt Schneider responsável por cunhar o termo psicopatia ou personalidade psicopática fornece material interessante e de relevância, sobretudo, por sua postura ética e crítica na abordagem dos fenômenos do psiquismo. Em seu livro *Psicopatologia Clínica* Schneider (1887) discorre com destreza sobre o manejo do diagnóstico na clínica, as sérias implicações que existem no fato mesmo de criar uma categoria diagnóstica.

Para Schneider há distinção entre psicopatia e psicose, nas palavras dele, “em princípio, *devemos distinguir, rigorosamente*, as personalidades anormais das psicoses ciclotímicas e esquizofrênicas que, com boas razões, são hipoteticamente mórbidas” (SCHNEIDER, 1887, p. 44, grifos do autor). Contudo, há também muitos pontos em comum, pois, como demonstra, o autor há limites para sistematização, apesar de podermos encontrar vasta sistematização das personalidades psicopáticas associadas a diversas dimensões de sofrimento psíquico, isto é, com a especificação de, por exemplo, psicopata depressivo; psicopata inseguro de si mesmo; psicopata fanático, entre outros.

Avancemos agora para o ponto em que Schneider salienta pertinentes indicações. Nos informa que o termo psicopata pode vir a cair em desuso, “mas somente o nome, não o fato, E mesmo a designação ainda não pode ser, visivelmente, dispensada de imediato” (SCHNEIDER, 1887, p. 73). Segundo o autor, esta abreviação (psicopatia) tem sua importância no uso clínico, sobretudo para diferenciar um quadro de inadequação em que há breve interrogação se poderia ser nomeado psicose. Merece destaque sua ponderação quanto ao sentido e ao uso do termo psicopatia. De acordo com Schneider:

E esta é uma razão para limitar o termo “psicopata” preferentemente para o uso clínico e fora daí deve ser o menos possível empregado e nunca sem outras especificações. Muitas vezes se entende como algo ético ou socialmente negativo.

Trata-se de um processo semelhante à “histeria”: um deslizamento sempre mais claro para o terreno do valor e da moral (SCHNEIDER, 1887, p. 73).

Não estamos em condições legítimas de sustentar que existam equivalências teóricas entre psicanálise e psiquiatria. Mas, certamente, encontramos alguns pontos de contato. Talvez ambas categorias partilhem de preconceitos e dificuldades advindas do campo da moralidade do liame social. Contudo, estamos situados em posições discursivas diferentes. Isto é, em psicanálise, a rigor, perversão não é doença, não seria uma doença mental, não é prudente reduzir um conceito ao outro. O arcabouço teórico clínico e principalmente a ética que subjaz a ideia de diagnóstico em psicanálise é bastante distinta da função diagnóstica na medicina.

Passemos agora para observação da ética psicanálise, a noção de estrutura clínica e seus desdobramentos.

2 ÉTICA E ESTRUTURA

2.1 A Ética da Psicanálise e o que nos ensina Lacan em Kant com Sade

Considerando que os esforços até aqui empreendidos permitem-nos avançar um passo a mais na construção da conceitualização da perversão iniciaremos um percurso no estudo da ética da psicanálise. Abordar de sexualidade, estrutura clínica e diagnóstico em psicanálise é, sobretudo, adentrar no campo da ética. Detenhamo-nos agora às contribuições de Jacques Lacan para o nosso estudo.

Em *Seminário, Livro 7 A Ética da Psicanálise*, Lacan (1959-1960/2008) versa sobre algumas diferenciações importantes no campo da moral e da ética; e ao longo da exposição demonstra o porquê de sua escolha pelo segundo termo. Com Lacan, podemos compreender que a noção de moral, muito presente na filosofia, remete-se a uma certa moralidade, a fim de evitar uma tautologia, entendamos por moral um conjunto de normas e regras de conduta. Por outro lado, a ética da psicanálise se sustenta por uma via bastante diferente, tendo em conta a falta, ou nas palavras de Lacan, em diálogo com Hesnard, “o universo da falta” (p.12), isto é, aquilo que há de fundante, de ôntico no sujeito da psicanálise é a falta que implica em movimento desejanste. Desejo é falta que movimenta.

Vale destacar a dimensão ética, em Lacan:

A experiência moral como tal, ou seja, a referência à sanção coloca o homem numa certa relação com sua própria ação que não é simplesmente a de uma lei articulada, mas sim de uma direção, de uma tendência e, em suma, de um bem que ele clama, engendrando um ideal da conduta. Tudo isso constitui, propriamente falando, a dimensão ética e situa-se para além do mandamento, isto é, que pode apresentar-se com um sentimento de obrigação. É assim que creio necessário situar a dimensão de nossa experiência em relação à reflexão moralista (LACAN, 1959/2008, p. 13).

A psicanálise não opera na busca de uma moral natural. Ao contrário, ela incide justamente numa reflexão crítica sobre a moral, provocando desdobramentos e convocando à ética do desejo, qual seja, uma posição frente à moral. Dito de outro modo, a direção do trabalho analítico é a de resgate da “função fecunda do desejo como tal” (LACAN, 1959/2008, p. 13). Com Freud, diríamos que “não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (FREUD, 1930/2006, p. 91).

Por “ética do desejo” podemos depreender que há na ética uma estrutura, pautada numa dimensão bastante específica e ao mesmo tempo paradoxal. Lacan assinala que se servirá de algumas contribuições da filosofia para pensar a ética da psicanálise, e dentre elas

há a filosofia que ele nomeou de “parente mais próxima do resultado freudiano” (LACAN, 1959/2008, p. 14), fazendo referência à filosofia libertina do Marquês de Sade, autor que dá origem ao termo sadismo. Essa articulação nos interessa em especial por permitir-nos avançar um passo mais na verificação do estatuto da perversão para psicanálise.

Como sublinha Lacan (1959/2008, p. 15), a experiência freudiana se ocupou “das origens paradoxais do desejo” assim como do “caráter de perversão polimorfa de suas formas infantis”, contudo, tais noções foram reduzidas, por parte de alguns psicanalistas, sucumbindo os paradoxos constitutivos a uma convergência harmoniosa. Restringindo a análise a objetivos equivocados, tais como “apaziguar culpa” e “domação de gozo perverso”.

A condução de uma análise demonstra que, para além do sentimento de obrigação do qual o sujeito se queixa, comparece também o sentimento de culpa. A culpa tem a função bastante particular de sinalizar desejo (inconsciente), pois “quanto mais virtuoso um homem é, mais severo e desconfiado é o seu comportamento, de maneira que, em última análise, são precisamente as pessoas que levaram mais longe a santidade as que se censuram da pior pecaminosidade” (FREUD, 1930/2006, p. 131).

Se a ética da psicanálise é a ética do desejo, cabem mais algumas considerações; “a ética não é o simples fato de haver obrigações, um laço que encadeia, ordena e constitui a lei da sociedade” (LACAN, 1959/2008, p. 94). Para Lacan:

[...] a ética começa [...] no momento em que o sujeito coloca a questão desse bem que buscaria inconscientemente nas estruturas sociais – e onde, da mesma feita, foi levado a descobrir a ligação profunda pela qual o que se apresenta para ele como lei está estreitamente ligado à própria estrutura do desejo. Se ele não descobre imediatamente esse desejo final que a exploração freudiana descobriu com o nome de desejo do incesto, descobre o que articula sua conduta de uma maneira tal que o objeto de seu desejo seja, para ele, sempre mantido a distância. Essa distância não é completamente uma distância, é uma distância íntima que se chama proximidade, que não é idêntica a ele mesmo, que lhe é literalmente próxima, no sentido em que se pode dizer que o *Nebenmensch*⁹ do qual Freud nos fala no fundamento da coisa é seu próximo (LACAN, 1959/2008, p. 94-95).

Passemos a algumas pontuações sobre as postulações lacanianas estabelecidas acerca do desejo. O desejo está articulado a uma Lei, com “L” maiúsculo pois diferencia-se de leis sociais, jurídicas ou de outra ordem. Segundo Doris Rinaldi em *A ética da diferença* (1996, p. 69) “Em Lacan, como em Freud, o desejo está inextricavelmente vinculado à Lei que institui o simbólico, ainda que para o primeiro esta Lei indique, mais do que uma proibição, a presença da impossibilidade”, nos diz Lacan (1966/1998, p. 794) “a lei e o desejo recalcado são uma única e mesma coisa”.

⁹ Traduzido em português como Complexo do próximo.

A Coisa freudiana ou *das Ding* que Lacan concorda em nomear de objeto perdido (da pulsão), apesar de reiterar “mas esse objeto perdido nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo” (LACAN, 1960/2008, p. 74). Ou seja, a noção de *das Ding* é, com efeito, uma metáfora para tratar do impossível. Situa-se no campo do irrepresentável, daquilo que a linguagem bordejia, mas, por estrutura, não recobre. É sempre através de uma fantasia que o sujeito, seja ele neurótico ou perverso, dará tratamento à falta, cuja expressão atual é *das Ding*, ou nas palavras de Coutinho Jorge:

Quando o sujeito tem seu desejo acionado, na fantasia, em relação ao objeto, ele se liga a esse objeto através de uma palavra ou de alguma imagem. Mas aquilo que está na base dessa palavra e dessa imagem é uma falta de palavra, assim como também uma falta de imagem, que é *das Ding* (COUTINHO JORGE, 2003, p. 34).

A partir disso, é possível questionar a noção de natureza defendida por Kant, entendendo o desejo tal como esclarece Furtado de Mendonça (2015, p. 84), como “efeito da palavra no campo da linguagem, do Outro, o que nos permite compreender que a dimensão moral se enraíza no próprio desejo”.

Doris Rinaldi (1996, p. 45-46), no capítulo denominado *Freud e a moralidade*, retoma importantes críticas e elaborações de Freud a respeito da “existência de uma inadequação e, mais do que isso, de um conflito entre as exigências da pulsão, que requer imperiosamente satisfação, e as restrições da moral civilizada”. A autora discorre sobre as implicações desse conflito, assim como do mal-estar promovido pela civilização. Nos recorda das postulações de Freud e Lacan acerca das leis do funcionamento psíquico – princípio de prazer que exige a satisfação da pulsão e o princípio de realidade, que busca otimizar o princípio de prazer, surgem na tentativa de salvaguardar alguma consonância com as convenções sociais. “Elas vão se inscrever nesse lugar de fracasso do “princípio de prazer”, através do “princípio de realidade” que, como diz Lacan, exerce-se de uma maneira que é sempre precária”.

Sobre isto, Lacan discorre:

É algo que se apresenta imediatamente com um caráter totalmente particular de maldade, de incidência má – é o sentido da palavra malvado. Freud depreende isso cada vez mais do decorrer de sua obra, até o ponto em que o leva a seu máximo de articulação no Mal-estar na civilização – [...] Em suma, o caráter inextinguível dessa consciência moral, sua crueldade paradoxal, faz dela, no indivíduo, como que um parasita nutrido pelas satisfações que se lhe concedem (LACAN, 1959-1960/2008, p.111-112).

Na citação acima, Lacan faz referência à instância superegoica que implica no engendramento de uma operação psíquica que não privilegiará exatamente o bem, nem para o sujeito, nem para o seu semelhante. A primeira segregação é a do próprio sujeito, isso que ele

renega nele, irá atormentá-lo eternamente, em suas fantasias. O paradoxo comparece no próprio sujeito. O que o impede de cumprir o mandamento religioso “amarás o próximo como a ti mesmo”, visto que a ambivalência afetiva (amor e ódio) já é experimentada no “ti mesmo”, o que dirá no próximo?

O que há no horizonte da psicanálise é o Real, o impossível. Tema pertinentemente investido por Lacan. Ele indica-nos que o belo, o bem, a felicidade ou coisa que o valha são velamentos para o Real. A ética da psicanálise é pautada na ética do Desejo e esta será sustentada pelo desejo do analista, que é um desejo advertido. Tal como comenta Furtado de Mendonça (2015, p. 80), sobre a ética da Psicanálise, “afasta-se dos imperativos do supereu e dos ideais sociais. Ao contrário da moral, ela não está articulada ao Bem supremo: a ética psicanalítica vislumbra o real, enquanto a moral tenta recobrir a impossibilidade do real através de regras e proibições”.

Façamos uma pequena digressão, para assinalar mais alguns elementos sobre o desejo do analista, Laurence Bataille (1988), no livro *O umbigo do sonho* em capítulo intitulado *Desejo do analista e desejo de ser analista*, discorre sobre a sutil diferença entre as duas categorias. O primeiro, como postula Lacan, estará articulado a uma função. Enquanto o segundo, para usarmos as palavras da autora, está mais ligado a uma invenção. Poderíamos até arriscar: a uma fantasia.

Em Lacan (1958-1959/2016), há elementos que indicam que a fantasia é suporte para o desejo, suporte que não esgota nem mesmo define de uma vez por todas a relação entre desejo e fantasia. Contudo, o que inspira cuidados é o fato de que essa invenção compele o analista a sair de sua função. Mas paradoxalmente, não é prescindindo dela que criaríamos um analista. É preciso estarmos advertidos de que ela existe, mas a visada situa-se num mais além do Eu ou do sujeito daquele que ocupa a função de analista.

No já citado texto, Laurence Bataille comenta uma vinheta clínica que de fato convoca a todos aqueles que exercem a função de analistas a se questionarem em como proceder. A fim de ilustrar do que se trata, destacamos o trecho que exprime o que se passou:

Era um homem que vinha pela primeira vez. Quando fui buscá-lo na sala de espera, disse a mim mesma de saída: “Ele me desafia.” Lia o jornal e pareceu ostensivamente perturbado pela minha intrusão. No trajeto entre a sala de espera e meu consultório, ele se demorava, olhando para tudo. Assim que entrou, tirou um cigarro e me pediu fogo. Disse a mim mesma: “Impossível. O que fazer?”

Respondo-lhe: “Certamente que não foi para fumar um cigarro que você veio até aqui.” Mas ele quer fogo. Se não lhe dou, ele vai embora. Comprometidos como estávamos, só pude lhe dizer: “Pois bem, vá lá!” (BATAILLE, 1988, p.13).

E autora ainda acrescenta (1988):

Mas o paradoxal deste caso é que o desejo que vem mais sutilmente substituir o desejo do analista é o desejo de ser analista: é este último que me induz adotar atitudes ditas analíticas a colocar na posição de semblante, em vez do nada, uma imagem de analista. É este desejo de ser analista que faz com que o desejo do sujeito se volte para mim (BATAILLE, 1988, p. 15).

Em psicanálise, não trabalhamos com protocolos de atendimento. O esforço empreendido é para que haja fala do sujeito e, no manejo clínico, algo daí aponte para a singularidade de cada um que procura uma análise. Dito de outro modo: toda a problemática do desejo do analista ou desejo de ser analista – como indica o título de um precioso trabalho de Freud (1934) - passará por *Construções em análise*. Seja para o sujeito analisando, seja para o analista em sua análise pessoal.

Por ora, não temos tempo hábil para articular os pormenores da questão do desejo do analista e sua relação com as fórmulas quânticas da sexuação, mas ao mesmo tempo, seria leviano não fazê-lo, de alguma forma. Se há algo de precioso para ser investido pelo analista, diante de tudo que foi exposto, isso diz respeito à apreciação do feminino, no sentido de uma posição não-toda fálica, para que assim o sujeito do inconsciente possa advir por parte do analisando, na relação transferencial. Tal como proferiu Denise Maurano (2006, p. 53):

O feminino ao qual me refiro vincula-se a certo acolhimento do mistério, de um vazio prenhe de fecundidade, acolhimento da privação além da castração. O que atesta a operação real de elaboração de um luto do objeto, que não é senão luto de nosso atrelamento narcísico ao objeto fálico, com o qual tentamos sustentar a magnitude do Outro, como se isso nos garantisse alguma coisa. A desistência disso implica por um lado desasseguramento, mas, por outro, ampliação de horizontes (MAURANO, 2006, p.53).

Em suma, a ética da psicanálise é a ética do desejo, mas a rigor, em sua dimensão trágica, de levar às últimas consequências. Trata-se da experiência atravessada pelo impossível em sua radicalidade (nomeado lacanianamente de Real), e implica a todos os sujeitos envolvidos no dispositivo analítico. Podemos considerar que ela se aproxima da ética sadiana, mas para operar de maneira muito distinta. Pois sustentar o desejo de gozo absoluto, é, em última instância, tão somente, um empuxo ao desejo de morte. A ética psicanalítica se ocupará de interrogar ao sujeito: “agistes em conformidade com o teu desejo?” (LACAN, 1960/2008, p. 364)

Como ressalta Lacan, “a ética da análise não é uma especulação que incide sobre a ordenação, a arrumação, do que chama de serviço dos bens. Ela implica, propriamente

falando, a dimensão que se expressa no que se chama experiência trágica da vida” (LACAN, 1960/2008, p. 366). Interrogar sobre o desejo é prerrogativa da análise, e a ética da análise, serve a si mesma. Em outras palavras, é justamente em razão do arcabouço teórico clínico que as proposições podem ser feitas dessa maneira. “O desejo nada mais é do que aquilo que suporta o tema do inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular [...] retorna e nos traz sempre de volta para uma certa trilha, a trilha do que é propriamente nosso afazer” (LACAN, 1960/2008, p. 374), se há um sentido na análise é propriamente o sentido desse movimento desejante.

Não há sujeito sem Outro, qual seja, o sujeito do inconsciente psicanalítico não é sem sua relação com a linguagem e o outro (pequeno outro, o semelhante) e tudo que isso comporta. “O inconsciente escapa totalmente a este círculo de certezas no qual o homem se reconhece como um eu” (LACAN, 1954-1955/2010, p. 17). Ao passo que a noção de sujeito não se confunde como o indivíduo. “É outra coisa, e para quem sabe ouvi-lo, a sua conduta toda fala a partir de outro lugar que não o deste eixo que podemos apreender quando consideramos como função num indivíduo, ou seja, com um certo número de interesses concebidos na *areté* individual” (LACAN, 1954-1955/2010, p. 19).

Se destacarmos a restrição de *para quem sabe ouvi-lo*, da citação anterior, podemos considerar que se trata de uma indicação de Lacan para os analistas. Lacan adverte-nos que “há dois perigos em tudo que tange à apreensão de nosso campo clínico. O primeiro é não ser suficientemente curioso. “(...) O segundo é compreender. Compreendemos sempre demais, especialmente na análise. Na maioria das vezes, nos enganamos” (LACAN, 1954-1955/2010, p. 144). Ou seja, é preciso evitar compreender, assim como precisamos estar advertidos de que não sabemos o que é o bem para o sujeito, “fazer as coisas em nome do bem, e mais ainda em nome do bem do outro, eis o que está bem longe de nos abrigar não apenas da culpa, mas de todo tipo de catástrofes interiores. Em particular, isso não nos abriga certamente da neurose e de suas consequências” (1960/2008, p. 373).

Freud (1930/2006, p. 130) rejeita a ideia da “existência de uma capacidade original, por assim dizer, natural de distinguir bom e mau”. Inicialmente mau está na ordem do que oferece ameaça à criança da perda do amor do Outro, o medo da perda de amor é a primeira expressão do que virá a tornar-se o sentimento de culpa.

Em seu escrito “Kant com Sade” Lacan (1962/1998) demonstra, de forma mais detida do que encontramos no Seminário Livro 7 (LACAN, 1960/2008), que opor um ao outro seria uma inútil obviedade, a moral de um é o avesso da imoralidade do outro. Não há Kant sem Sade, ainda que recalcado. Não há Sade sem o ideal do Outro que o sustente, ainda que este

seja o mal. Ambos partilham de uma posição bastante semelhante, sustentam a ideia de que haja um sujeito puro (não barrado), cada um a sua maneira: para Kant a busca do bem supremo, enquanto para Sade a visada é o gozo absoluto. Tanto num quanto noutro o que sustenta a máxima é a voz que vem do Outro - Outro enquanto o lugar do código; tesouro de significantes (LACAN, 1958/2016, p.38) - como imperativo categórico, isto é, em outras palavras, algo que não deve ser questionado, pois tem valor de universal.

Em *Perversão e Alteridade*, Edilene Freire de Queiroz (2002, p. 45) esclarece um pouco mais a dialética entre Kant e Sade:

[...] a ética kantiana é de caráter sacrificial, já que, para submeter-se aos imperativos da lei, o sujeito renunciará a todos os objetos do bem-estar, ficando submetido a um único objeto, talvez o mais terrível – a voz do supereu. (...) a única lei – a lei de gozo. A máxima sadeana se expressa no libelo presente em *A filosofia da alcova*; dita o direito a qualquer gozo, ao qual todos, devem se submeter (QUEIROZ, 2002, p. 45).

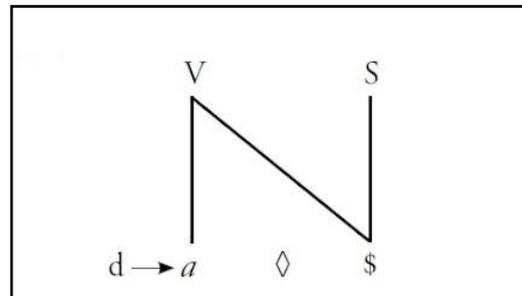
Passemos às máximas destacadas por Lacan sobre a ética kantiana: “age de tal modo que a máxima da tua vontade possa sempre valer como princípio de uma legislação que seja para todos” (1960/2008, p. 96). Kant faz o convite para que consideremos, ao menos, por um instante, sobretudo, no instante em que estamos desprovidos de quaisquer objeto, no qual encontramos “uma lei, a qual não tem outro fenômeno senão alguma coisa já significativa, que é de uma voz da consciência e que, ao se articular nela como máxima, propõe ali a ordem de uma razão puramente prática, ou vontade” (LACAN, 1962/1998, p. 782). Para ele a lei moral seria o princípio que determina a vontade, em nossa sociedade.

Sade, por sua vez, dirá “tenho direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar” (LACAN, 1962/2008). Cabe destacar que o que concerne ao sádico é justamente essa espécie de não consentimento de sua vítima (sem que nenhum limite me detenha). No seu íntimo, o sádico se posiciona como objeto ou instrumento de gozo do Outro, é aquele que pode “revelar um gozo nunca antes visto”.

Lacan comenta a fórmula mais geral da fantasia $\$ \diamond a$ (sujeito barrado, punção = desejo de, objeto a) indicando que na perversão, a fórmula deve ser lida no sentido inverso, isto é, do objeto pequeno a – desejo (vontade de gozo) – sujeito barrado. O perverso reserva ao campo do Outro o lugar de faltoso, cuja falta ele reconhece, mas desmente e a partir dessa operação pode buscar restituir o que falta. Sade vai um tanto mais além nessa operação, pois propõe que ao se oferecer como objeto de gozo do Outro, “cristalizado na rigidez do objeto, com intuito de que sua divisão de sujeito lhe seja totalmente remetida pelo Outro” (LACAN,

1962/1998, p. 785), a operação promoveria a ascensão de um sujeito puro, não barrado, um sujeito bruto do prazer. Verifiquemos, a seguir, o Matema da fantasia sadiana:

Figura 1: Matema da fantasia sadiana



Fonte: LACAN (1962/1998, p. 785)

Tendo seu desejo como motor (d), o perverso (a) - na face objeto causa de gozo do objeto a - se oferece como instrumento da vontade de gozo absoluto (V) incidindo sobre seu parceiro ($\$$) a dor advinda dos maus tratos infligidos. Visando assim, o sujeito sem barra, o sujeito bruto do prazer (S). Lacan afirma que “quando o gozo se petrifica aí, ele se torna o fetiche negro” (LACAN, 1962/1998, 784). É interessante observar como, dito isso, o fetiche ganha a revalidação de sua dimensão paradigmática das perversões.

Destacamos nesse escrito de Lacan mais uma contribuição para o campo das perversões. Lacan concluí o escrito fazendo menção à terrível e derradeira cena de *A filosofia na alcova*, cena na qual Sade ordena que o órgão genital feminino da mãe de uma de suas vítimas seja costurado, que se costure com o vírus da sífilis injetado. Lacan, deduz disso que há submissão de Sade à Lei, pois “a mãe continua proibida” (LACAN, 1962/1998, p. 802). A Lei simbólica interdita o incesto, muito mais no sentido de sua impossibilidade, do que proibição. Dito de outro modo, impossibilidade de gozo absoluto. O que a inscrição do Nome-do-Pai inscreve, por ocasião da interdição do incesto, é o significante da falta no Outro. A costura indica justamente o que está em jogo na perversão, ao passo que tampona um furo, mas nesse caso, com o perdão da redundância, de forma sádica. Isto significa dizer que “no lugar de a falta do significante no Outro questionar a própria posição do sujeito, pondo-o a trabalho para levar em conta a castração [...] na perversão, preso em a , o circuito da pulsão se desenha em torno dele, impedindo a polissemia dos gozos” (ALBERTI, 2005, p. 356).

O que Lacan denuncia no escrito Kant com Sade é a dialética entre Lei e gozo. Nas palavras de Furtado de Mendonça (2016): “Não há gozo sem Lei, não há Lei sem gozo”. E,

como nos diz Lacan, desejo é vontade de gozo (1966/1998, p. 784), seja para Sade, no empuxo a gozar, seja para Kant, na renúncia.

2.2 A noção lacaniana de estrutura

Antes de adentrarmos na noção lacaniana de estrutura, – que teve sua parcela de contribuição do estruturalismo, mas nela fez torções, para que a teorização melhor abarcasse a lógica do inconsciente. – destacamos que também é possível encontrar na obra de Freud uma “construção teórica, cujas vicissitudes desembocam no estabelecimento da chamada clínica estrutural” (COUTINHO JORGE, 2017, p. 16). Isto é, nos mecanismos de defesa, os tratamentos que o sujeito dá à realidade da castração, entre outros elementos.

Na Conferência de Jacques Lacan (1972), proferida num colóquio sobre estruturalismo, em Baltimore, na University of John Hopkins, desde o título *Da Estrutura Como Intromistura de um Pré-requisito de Alteridade e Um Sujeito Qualquer* podemos observar o que está em jogo na estrutura, isto é, a ideia de como o Outro (alteridade) se inscreve no sujeito. A estrutura é uma linguagem. Ainda no parágrafo inicial de sua exposição, Lacan situa o Outro enquanto tal, nos diz, “a mensagem, nossa mensagem, em todos os casos, procede do Outro, pelo que entendo “do lugar do Outro” (LACAN, 1972, p. 198).

Sobre o sujeito, acrescenta “o sujeito não é uma coisa simples para os psicanalistas, que lidam com o sujeito propriamente dito” (LACAN, 1972, p. 199) e discorre sobre o fato das palavras serem o único material do inconsciente, sem com isso dizer que o “inconsciente fosse um ajuntamento de palavras, e som que o inconsciente tem uma estruturação precisa” (LACAN, 1972, p. 200). Estrutura, para Lacan, é o mesmo que linguagem. Retifica seu sintagma “como uma linguagem” indicando que, se tratarmos a rigor, há uma redundância, porque “estruturado significa minha fala, meu léxico, etc, que é exatamente o mesmo que linguagem” (LACAN, 1972, p. 200). E afirma que “linguagem é linguagem, e só há um tipo de linguagem: a língua concreta, [...] falada pelas pessoas” (LACAN, 1972, p. 200).

Quanto ao inconsciente e sua estruturação, o que deve ser discutido é “o ponto mais sensível da natureza da linguagem: é a questão do sujeito” (LACAN, 1972, p. 200). Não se trata simplesmente de identificá-lo, significá-lo por alguma coisa, pois há uma barreira que impede isso:

Alguma coisa pensa [...] o ser vivo é, naturalmente, um ser pensante, e tudo está bem [...] Se o pensamento fosse um processo natural, nesse caso o inconsciente não teria

dificuldades. Mas o inconsciente não tem nada a ver com instinto ou conhecimento primitivo ou elaboração de pensamento em algum subsolo. [...] A questão é descobrir o status exato desse sujeito, que é exatamente o tipo de sujeito que podemos determinar partindo da linguagem (LACAN, 1972, p. 201).

Lacan tece diferenciações entre psicanálise e uma Psicologia geral, destaca que a segunda se ocupa de descrever totalidades, unidades e quanto à psicanálise, faz um comentário que nos remete à ética: “a vida é algo que vai” (LACAN, 1972, p. 202), dizendo de um movimento e acrescenta: “o princípio da análise é que ninguém entende nada do que acontece. A ideia de uma unidade unificante sempre me deu a impressão de ser uma mentira escandalosa” (LACAN, 1972, p. 202). O não-senso é o sentido que Lacan dá ao que é natural, isto é, podemos nomear de natural “apenas no sentido de que não entendemos porque existe”. (LACAN, 1972, p. 203)

Lacan se vale das teorias matemáticas para falar da noção de marca e abordar a questão do sujeito. “O sujeito do inconsciente é algo que tende a se repetir, mas só uma dessas repetições é necessária para que ele se constitua” (LACAN, 1972, p. 203), a repetição não é do mesmo:

A noção de mesmo não se liga às coisas, mas à marca, que permite somar as coisas sem considerar suas diferenças. A marca tem o poder de apagar a diferença, e isto é a chave para a compreensão do que acontece com o sujeito inconsciente na repetição. [...] o sujeito repete algo especialmente significante [...] o sujeito é efeito dessa repetição, na medida em que precisa esvanecimento, de obliteração da primeira base do sujeito, por seu status, sempre se apresenta como uma essência dividida (LACAN, 1972, p. 200).

Lacan desdobra disso que a linguagem é constituída por um conjunto de significantes, “conjunto este que é finito. Cada significante pode sofrer o mesmo processo em relação ao sujeito. [...] O que define esse conjunto de significantes é aquilo que constitui o que chamo de campo do Outro. A diferença dada pela existência da linguagem está em cada significante.” (LACAN, 1972, p. 205). Aqui também encontramos a noção de que o que define o significante é o fato de que ele representa um sujeito para outro significante, o sujeito está sempre nesse intervalo. É o que justamente escapa à significação, ao fechamento. Contudo, certamente, o sujeito lança mão de recursos para contornar esta falta de significante e, é isso que determinará a estrutura clínica do sujeito falante. Ou, como definido em outro lugar, “o que cria a estrutura é a maneira como a linguagem emerge, no início, num ser humano. É, em última análise, o que nos permite falar de estrutura” (LACAN, 1975, p. 7).

No tangente à perversão, um significante, sempre relacionado à história do sujeito (sua cadeia significante), será eleito - certamente da função mais ampla à mais específica do termo

fetice – para que haja subversão da falta no campo do Outro. As estruturas clínicas são também fato de discurso (BRAUNSTEIN, 2007, p. 245).

2.3 Gozo e ato perverso

Sustentar a dimensão inconsciente enquanto causa com seus paradoxos e idiosincrasias tem seus custos. E por falar em economia, o gozo também surge como um conceito central que só pode ser tomado em sua dimensão de complexidade e, sobretudo, articulado a outros conceitos. É preciso contemplar *os paradoxos do gozo* (LACAN, 1960/2008).

Gozo é acréscimo e perda, situando-se no mais além do prazer. Desde Freud (1920), sabemos que prazer é baixa de tensão excitatória no aparelho psíquico, que inclui, em alguma medida, o desprazer, qual seja, um ponto de impossibilidade. “O gozo não serve ao prazer, resulta da satisfação pulsional enquanto atravessada pela linguagem, situando-se como resto desse atravessamento” (ELIA, 1995, p. 139).

Na obra freudiana, encontramos, em alguma medida, convergência entre o conceito lacaniano de gozo e o que Freud denominou como *ganho secundário do sintoma*. “O gozo é aquilo que não serve para nada”, nos diz Lacan (1969-70, p. 11). A relação entre prazer e gozo é de delicada distinção, há uma satisfação no gozo, mas em se tratando de gozo sintomático há também dor. No Seminário Livro 7, Lacan versa sobre o fato do gozo ser uma satisfação de uma pulsão, a saber, a pulsão de morte.

Néstor Braunstein (2007, p.7) acrescenta que “se o gozo tem a ver com a pulsão é na medida em que a pulsão deixa um saldo de insatisfação que estimula a repetição, e é nesta medida que a pulsão é historizadora, já que *insatisfaz*”. Isto é, existe um quantum de satisfação na insatisfação - retornaremos a isso mais adiante. Braunstein empreende um minucioso trabalho de diferenciação das categorias vida e morte, distantes de uma acepção biologicista, para introduzir a dimensão Simbólica na dialética psicanalítica:

Se a vida fica definida para nós a partir do ingresso nas estruturas de subjetividade que são as da transação com o Outro, ou seja, a partir de que a carne se faça corpo pela intromissão do significante no processo vital, o movimento pulsional pode ser visto como esta força que tende a recuperação do estado anterior à palavra (...) a recuperação da Coisa como objeto absoluto do desejo, à recuperação desse gozo do ser a partir do qual o sujeito chega a ex-sistir (BRAUNSTEIN, 2007, p. 64).

É a partir do circuito pulsional e, sobretudo, na clave da compulsão à repetição característica da pulsão de morte que encontramos o que opera neste eixo de um movimento

repetitivo, como nos lembra Lacan justamente por seu retorno a Freud: não se pode desprezar a dimensão criacionista da pulsão de morte. Há algum trabalho feito com isso. A falta insiste em se inscrever, nos diz Lacan: “o homem é artesão de seus suportes” (1960. p. 146). Dito de outro modo, cabe a cada sujeito criar artesanalmente sua maneira de lidar com o mal-estar e todos os nomes que a castração pode assumir.

A posição do sujeito no manejo desse impossível, que se apresenta a todo ser falante, dirá de sua modalidade de gozo, e, como demonstra o ensino de Lacan, são inúmeras as modalidades de gozo, os regimes de gozo. É possível elencar alguns deles: gozo fálico, gozo Outro, gozo do Outro, gozo do sentido... A releitura do Seminário Livro 20 (1972-1973/1985), no qual Lacan discorre sobre as fórmulas quânticas da sexualização, indica que as mesmas dizem respeito à cadeia de significantes, direções discursivas e posições de sujeito. O falo a princípio significa o vazio, a falta. Há falta no Outro, o que está em jogo é a incompletude. O gozo feminino não visa complementar o gozo masculino/fálico. O feminino partiu do fálico e se dirige a outra dimensão.

A fim de pontuarmos por mais uma vez a relação entre prazer e gozo; em *O problema econômico do masoquismo*, Freud (1924a/2006, p. 105) discorre sobre o fato de haver uma tendência masoquista nos seres humanos, algo que fere a lógica do princípio de prazer, por isso um “problema”, um enigma, por assim dizer. “Quando a dor e o desprazer deixam de ter a função habitual de alarmes e, ao contrário, passam a ser almejadas, o princípio de prazer [*Lustprinzip*] fica totalmente fora de combate, ou seja, o guardião da nossa vida psíquica fica paralisado”. Em maior ou menor grau, a dor comparece como uma certa condição intrínseca ao prazer sexual do sujeito - e não estamos, no entanto, falando de uma estrutura clínica da perversão masoquista. - O que viabiliza tal assertiva é o fato de que toda a dinâmica pulsional guarda forte relação com fantasias infantis de ser espancado e seus derivados - descritas também em *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919/2006).

Em uma das Conversas no hospital de Saint’Anne, *Saber, ignorância, verdade e gozo*, encontramos mais uma contribuição de Lacan para avançarmos na temática do gozo:

Se lerem com cuidado, verão que o princípio do prazer nada tem a ver com o hedonismo, mesmo que nos seja legado pela mais antiga tradição. Na verdade, ele é o princípio do desprazer. A tal ponto que, ao enunciá-lo, Freud derrapa a todo instante. Em que consiste o prazer? diz ele, e responde: em reduzir a tensão. Ao contrário, de que gozar, senão de que se produza uma tensão? Esse é o próprio princípio de tudo o que leva o nome de gozo (LACAN, 1971-1972/2011, p.28).

Há repetição no gozo, trata-se do caráter de compulsão à repetição da pulsão de morte. Contudo, “o gozo está situado do lado mais-gozar e não se enuncia de outra maneira¹⁰” (SOLER, 2015, p. 18, tradução nossa). Há limite para o gozo, Lacan (1968-1969/2008) nomeia de mais-gozar o que virá a ser a perda de gozo como efeito do próprio discurso, ele “decorre da enunciação” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 18). Mas e quanto à perversão? Lacan indica:

Aliás, não precisamos apostar no além para saber o que ele vale, ali onde o mais-degozar gozar se desvela nuamente. Isso tem nome - chama-se perversão. E é para isso mesmo que para toda mulher santa há um filho perverso. Não há nenhuma necessidade do além para que, de um ao outro, consume-se a transmissão de um jogo essencial do discurso (LACAN, 1968-1969/2008, p. 23).

Há pelo menos mais uma consideração sobre o gozo na perversão. Colette Soler (2015) *¿A Qué Se Le Llama Perversión?* expõe importantes contribuições para o campo das perversões, articulando o aforismo lacaniano “não há relação sexual” – em espanhol se diz “no hay proporción sexual”, - discorre sobre a sexualidade humana, sobre os impasses para o campo das perversões e sobre alguns mecanismos perversos. Partindo da teoria lacaniana, traz a importante consideração a respeito da dedução lógica da castração, isto é, a dedução lógica da castração não se daria pela falta do órgão genital. A autora não despreza que a diferença anatômica tenha consequências psíquicas, como nos advertiu Freud. Mas indica que a castração se inscreveria pela suposição de falta de gozo. No capítulo intitulado *Perversão o desmentido do gozo*, Néstor Braunstein (2007) versa com destreza a respeito das diferenças entre as estruturas clínicas neurose e perversão. Contudo, do instigante título extraímos a contribuição que nos faz avançar um pouco mais nas veredas da pesquisa sobre perversão. Segundo o autor, o desmentido que o perverso faz diz respeito a uma suposição muito específica:

O desmentido não é da castração, mas o gozo das mulheres, do Outro sexo. A postulação perversa é que as mulheres não gozam porque são uma pura disponibilidade para o gozo falo-pênis ou, se na verdade gozassem, é porque também estariam incluídas, e totalmente, no gozo fálico, com um gozo que é idêntico ao masculino. Em qualquer dos casos, afirma-se que não há outro gozo, senão o gozo fálico (BRAUNSTEIN, 2007, p. 263-64).

A perversão seria por definição o exercício, a tentativa incansável de obter a falta enquanto abismo da não complementariedade entre os sexos. Tentativa ainda mais ativa da não inscrição da diferença sexual, das modalidades de gozo.

Cabe acrescentar ainda a noção de ato perverso, que nem sempre é um crime:

¹⁰ “Goce se sitúa no del lado del más de goce y no se enuncia de otra manera”.

[...] mas certamente alguns crimes representam o ápice de um ato perverso. (...) O ato perverso tem a ver, claro, com a perversão. No entanto, não é só um perverso que comete tal ato. Um sujeito que, num ato, coloca-se como objeto a e obtém gozo à custa de outros sujeitos, desempenhou uma atuação perversa (FURTADO DE MENDONÇA, 2015, p. 103).

Isto é, a princípio, poderíamos encontrar atuações perversas em todas as estruturas clínicas. O que corrobora a indicação de que o fenômeno não define a estrutura. Certamente, as atuações perversas incidem de maneira muito diferente na neurose, na psicose e na perversão. O campo do Outro se inscreve (ou não) de maneira muito particular e isso tem efeitos.

Marie-Laure Susini (2003), em seu livro *O autor do crime perverso*, afirma que “existe um crime causado pela busca do prazer, existe um crime em que se acrescenta gozo” (SUSINI, 2003, p.17). O horror e crime espantam, mas também provocam um certo fascínio. É isso que a autora explora e não por acaso, ela escolhe a categoria de autor para o título por acreditar se tratar de uma encenação, no sentido de um ato com endereçamento para o Outro. Sade está em perfeita consonância com esse desejo de revelar o horror. Susini (2003, p. 18) o considera o “primeiro autor de crime perverso”.

Sigamos agora para uma análise mais detida do conceito de fantasia em sua relação com a perversão, cujo texto freudiano indica, em seu subtítulo, *uma contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais*.

3 A FANTASIA FUNDAMENTAL

3.1 Bate-se numa criança: uma fronteira paradigmática entre neurose e perversão

Detenhamo-nos na exploração do artigo freudiano ‘*Uma criança é espancada*’ – *uma contribuição ao estudo das origens das perversões sexuais* (FREUD, 1919/1996), estudo no qual Freud aborda fantasias masoquistas infantis que comparecem na análise de adultos. Lacan foi o responsável por elevar o *Bate-se numa criança* – outra tradução possível para intitular o artigo freudiano, sendo, inclusive, mais adequada, por salientar a dimensão dessubjetivação presente no enunciado, do sujeito que fantasia – ao estatuto de fantasia fundamental.

Freud dá início ao texto de 1919 afirmando que a fantasia de espancamento tem frequente incidência em seus pacientes neuróticos. O autor supõe que tais fantasias podem comparecer com frequência até mesmo em sujeitos que não tiveram acesso à análise. Certamente, porque estas fantasias têm cunho constitutivo de desejo, a suposição freudiana é possível.

Os pacientes descrevem sentimentos de prazer relacionados às fantasias, relatam que elas estão invariavelmente atreladas a uma satisfação masturbatória, mas “é somente com hesitação que essa fantasia é confessada” (FREUD, 1919/1996, p. 193). Por parte dos sujeitos fantasiadores, há vergonha e sentimento de culpa ao relatarem as cenas fantasísticas.

As fantasias, como sugere o termo, não necessitam de vínculo factível com o que ocorre no ‘mundo externo’, por exemplo, que o espancamento tenha acontecido factualmente. Com efeito, essa diferenciação (se aconteceu ou não aconteceu) é inútil, pois estamos tratando de fantasia enquanto realidade psíquica. Ou seja, é a realidade à qual o sujeito tem acesso, marcada por significantes e o que disso desdobra em posições no discurso. E o significante nem mesmo precisa ser o “bate-se”, mas, certamente, precisa indicar alguma incidência no corpo. O “bate-se” diz de alguma coisa da somática, no sentido mais abrangente possível, por exemplo: toca-se, olha-se, fala-se, cospe-se...etc. O “bate-se” é o paradigma da fantasia fundamental, mas cabe a cada sujeito alguma criação e a sustentação desse significante que virá do Outro, e tão logo o sujeito o apreenda, torna-se seu. Sobre as palavras, os significantes, Nadiá Paulo Ferreira (2014) nos diz:

[...] as palavras como significantes são fatos de discurso e a natureza de todo discurso é produzir significação. O sentido que um significante tem no código da língua e num discurso, no entanto, não esgota a sua significação. Como adverte José

Saramago “Com as palavras todo cuidado é pouco, mudam de opinião como as pessoas” (2005:65) (FERREIRA, 2014).

Freud demonstra que a fantasia de espancamento tem “propósito de satisfação autoerótica, só pode a luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como traço primário de uma perversão” (1919, p. 195). Ressalta que o caráter de fixação nessa modalidade de satisfação pode resultar numa perversão na fase adulta. Destacar o traço primário – que podemos conceber como a perversão-polimorfa, isto é, aquilo que pode ou não desembocar numa estrutura perversa – universaliza a posição masoquista constituinte do sujeito, seja ele perverso ou neurótico. Acrescenta Freud (1919/1996):

Sabemos que uma perversão infantil desse tipo não persiste necessariamente por toda a vida; mais tarde pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação. (É possível que a sublimação nasça de algum processo especial que seria detido pela repressão.) Se esses processos, contudo, não ocorrem, a perversão persiste até a maturidade; e sempre que encontramos uma aberração sexual em adultos — perversão, fetichismo, inversão — temos motivos para esperar que a investigação anamnésica revele um evento como o que sugeri, que conduza a uma fixação na infância (FREUD, 1919/1996, p. 195-196).

O autor discorre sobre a importância da análise em revelar as primeiras experiências, nas etapas da vida infantil, que exercem efeitos relevantes no psiquismo; em especial, os fatores libidinais que se ligam a determinados complexos. Com Lacan, sempre freudiano, percebemos que “a sexualidade infantil não é um bloco de gelo errante arrancado do grande bloco do adulto [...] em relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em pé de igualdade, desde a criança até o adulto” (LACAN, 1964/1985, p. 173-174), ou seja, a sexualidade humana é sempre infantil, tal como postula Freud (1905). E isso implica dizer que a única via realizável das pulsões se dá de maneira parcial, parcial no que diz respeito a uma pretensa finalidade biológica da sexualidade.

Com Lacan, podemos pensar que o pulsional do ser falante é o instinto atravessado pela linguagem, logo, não é instinto, não tem, portanto, finalidade biológica desvinculada de um discurso. Isto é, “aquilo que, da sexualidade, passa para as redes da constituição subjetiva, para as redes do significante” (1964/1985, p. 174). E enquanto significante, deixa marcas, marcas que constituem o sujeito e engendram sua posição na fantasia. Daí, decorre a importância da análise em dar espaço ao mecanismo de memorização, “esse mecanismo está ligado, como tal, à cadeia significante” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 244).

Dos seis casos estudados minuciosamente por Freud, sendo quatro mulheres e dois homens, todos sujeitos neuróticos, Freud opta por descrever apenas os casos femininos por considerá-los os de mais fácil demonstração. Cabe uma ressalva, por feminino nos referimos

às posições de passividade, de ser castrado, na trama fantasística. Segundo Freud, “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia” (FREUD, 1933/1996, p. 123). E acrescenta que o feminino guarda “uma relação particularmente constante entre feminilidade e vida instintual, que não devemos desprezar” (FREUD, 1933/1996, p.125).

Caminheemos agora ao exame dos três tempos da fantasia de espancamento em Freud (1919/2006). Em análise, o primeiro tempo da fantasia de espancamento relatado é o “bate-se numa criança”; Freud afirma que esse momento deve datar de um período muito primitivo da infância. Nesse primeiro tempo, o sujeito que relata é espectador da cena; não há relação entre o sexo anatômico de quem cria a fantasia e a criança que é espancada. Nesta etapa, não podemos considerar que o enquadramento discursivo configure uma fantasia masoquista: “[...] seria tentador chama-la sádica, mas não se pode esquecer o fato de que a criança que cria, não é a que bate” (FREUD, 1919/1996, p. 198).

A princípio, os personagens da cena são bastante indeterminados, já sabemos que não há, necessariamente correspondência entre o sexo biológico e a criança que é espancada, mas a espancada pode ser um irmão ou irmã. O adulto que inflige violência também é desconhecido, a princípio. Se a associação livre se segue, desvela-se que é o pai quem bate na criança. E a frase que passa a expressar esse tempo da fantasia é: “O meu pai está batendo na criança que eu odeio” (FREUD, 1919/1996, p. 199) que decantará em “ele ama somente a mim”.

Deslocamentos e transformações ocorrem entre o primeiro e o segundo tempo da fantasia fundamental. No segundo tempo, o pai permanece sendo o algoz e aquele que produz a fantasia é agora a criança que está sendo espancada. A fantasia passa a ter alto grau de prazer e a frase é “estou sendo espancada pelo meu pai”, denotando a essência masoquista. No entanto, esse tempo da fantasia não é jamais lembrado com clareza, por se tratar de material inconsciente, mas é, paradoxalmente, uma construção da análise. Há “retorno do desejo edípico na menina, o de ser objeto do desejo do pai, como que isso comporta de culpa, exigindo que ela seja espancada” (LACAN, 1957-1958, p. 247). Freud ressalta que o sentimento de culpa vinculado ao desejo incestuoso é consciente, enquanto o desejo de punição permanece no inconsciente.

O terceiro tempo da fantasia de espancamento guarda semelhanças com a primeiro, contudo, não é mais o pai quem bate, trata-se de um adulto qualquer que exerça função de autoridade, e o sujeito que fantasia não é mais objeto de espancamento, está, certamente, diluído nas várias crianças que agora ocupam a cena. O que há de característico aqui é que “a

fantasia liga-se agora a uma forte e inequívoca excitação sexual, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbatória” (1919/1996, p. 199). Freud acrescenta a observação de que esse conteúdo é desconcertante para as meninas que fantasiam.

Se avançarmos na compreensão do que se afigura do discurso, podemos dizer que, no terceiro tempo da fantasia, o sujeito circula nas posições possíveis da cena, ou seja, as perversões sexuais têm sua origem em fantasias nas quais o sujeito ora está submetido ao Outro, ora exerce domínio. Estas fantasias são chamadas por Freud de “cicatriz do complexo de Édipo” (1919/1996).

Recordemos da noção lacaniana de que é a mãe enquanto referida ao falo, portanto faltosa, quem permite uma imagem metafórica do mesmo (falo). E assim, também promove a incidência da castração na relação entre ela e seu filho. O sujeito se interroga sobre o desejo do Outro e só encontra como resposta “uma solução fantasística” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 250).

Em *Será o Édipo universal?*, Moustapha Safouan (1999) afirma que “O Édipo não é, no fundo, senão *uma forma cultural* entre outras, que são igualmente possíveis contanto que cumpram a mesma função, que é a *promoção da função da castração* no psiquismo” (SAFOUAN, 1999, p. 128, grifos do autor). E, ainda, ressalta que a relativização proposta por ele é material mesmo da psicanálise, pois a experiência psicanalítica se ocupa das “*condições que regem a estruturação do desejo e os tempos segundo os quais ela se ordena*” (SAFOUAN, 1999, p. 129, grifos do autor).

Podemos constatar que as fantasias operam inconscientemente e engendram a posição de objeto ocupada pelo sujeito frente ao Outro, por quem se trata de ser amado. Na neurose, há a fantasia de completude amorosa, enquanto na perversão a fantasia é de completude de gozo, isto é, cada um está fixado em um dos polos do matema da fantasia (amor x gozo) $\$ \diamond a$ (sujeito barrado – desejo – gozo). A saber:

A percepção de que no núcleo das fantasias de espancamento há uma demanda de amor permite que se conceba melhor a proximidade entre neurose e perversão, evocada reiteradamente por Freud ao situar uma como o negativo da outra, diferentemente do que acreditavam alguns pós-freudianos, que concebiam a perversão como mais próxima da psicose, sendo dela, no fundo, uma verdadeira defesa. Assim, enquanto na psicose, como Lacan ponderou de maneira precisa, há “uma espécie de falha” no que concerne à realização do amor, na neurose esta surge de forma direta, e na perversão, de modo encoberto pelas fantasias de espancamento em que o gozo é dominante (COUTINHO JORGE, 2010. p. 113).

Anna Freud (1922) contribui consideravelmente para o estudo da fantasia fundamental, permitindo que avancemos um pouco mais no estudo da dialética entre amor e gozo nela presente. Em seu artigo intitulado *Fantasia de espancamento e devaneio*,

apresentado em Congresso para Sociedade Psicanalítica de Viena, a autora analisa o texto de seu pai *Uma Criança é espancada* (FREUD, 1919) dando minuciosa ênfase a um caso clínico em específico – historiadores indicam que se trata do relato de sua própria análise, com Sigmund Freud – em que um devaneio comparece, insistente e repetidamente, como uma derivação de uma fantasia de espancamento.

Sobre a autora dos devaneios: entre cinco ou seis anos de idade, essa menina produziu uma fantasia de espancamento do tipo descrito por Freud, entre o primeiro e posteriormente no terceiro tempo do bate-se. A fantasia tinha cunho monótono (repetição). Após inúmeras tentativas malsucedidas de separar a função de gratificação autoerótica da fantasia de espancamento, a fim de obter mais prazer, a menina desiste de manter as fantasias em que o núcleo do prazer é envolvido de desprazer.

A autora recorda que, em Freud (1919/1996), o sentimento de culpa é presente na fantasia e tem raízes mais profundas do que pode-se supor num primeiro momento. Há substituição no plano consciente por uma fantasia que não era a primária, pois “foi precedida por uma fase anterior, anterior, que pertence ao período de maior atividade do complexo de Édipo e que, por meio de regressão e repressão, foi transformada na versão que apareceu na segunda fase” (FREUD, 1922, p. 158).

Com o passar do tempo, as fantasias de espancamentos são substituídas por “histórias agradáveis”, os devaneios eram assim denominados por ela, que já tinha aproximadamente de 8 a 10 anos de idade. Anna Freud acrescenta: “A montagem da história prontamente mudava com cada alteração na vida da devaneadora, no momento exato em que ela frequentemente incorporava uma variedade de acontecimentos sobre os quais havia lido” (FREUD, 1922, p.160). Os devaneios se caracterizam por uma superestrutura cuja base para sua construção é uma fantasia masoquista. Nos devaneios da paciente, havia proximidade e diferença em relação às fantasias de espancamento, a maior diferença é como se dava o ponto clímax das produções fantasísticas. No devaneio, havia reconciliação entre os personagens, perdão; as fantasias de espancamento eram findadas com castigo, maus tratos.

Contudo, com o decorrer do tempo, a estrutura da fantasia torna-se muito clara. Nela, amor e gozo comparecem em dialética, pois são inerentes às diferentes fases das fantasias de espancamento (COUTINHO JORGE, 2010). Anna Freud ressalta:

[...] a diferença entre a fantasia de espancamento e o devaneio: o que parece ser um avanço da fantasia de espancamento para história agradável não é senão retorno a uma fase anterior. Ao serem manifestamente removidas de uma cena de espancamento, as histórias agradáveis tornam a ganhar o significado latente da

fantasia de espancamento: a situação amorosa escondida nela (FREUD, 1919, p. 166).

3.2 Masoquismo um terceiro momento da perversão em Freud

Sigamos agora para o texto de Sigmund Freud (1924a/2006). Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud investiga o fato de haver uma tendência masoquista nos seres humanos, algo que fere a lógica do princípio de prazer, por isso um “problema”, um enigma, por assim dizer: “Quando a dor e o desprazer deixam de ter a função habitual de alarmes e, ao contrário, passam a ser almejadas, o princípio de prazer [*Lustprinzip*] fica totalmente fora de combate, ou seja, o guardião da nossa vida psíquica fica paralisado” (FREUD, 1924a/2006, p. 105).

Em maior ou menor grau, a dor comparece acompanhada de uma certa condição intrínseca ao prazer sexual de todo sujeito – e não estamos, no entanto, falando de um masoquista estruturalmente perverso. O que viabiliza tal assertiva é o fato de que toda essa dinâmica pulsional guarda forte relação com as fantasias infantis de ser espancado e seus derivados. Freud também descreve essa condição intrínseca ao prazer sexual, como vimos, em *Uma criança é espancada* (FREUD, 1919/2006).

O termo masoquismo deriva de Sacher Masoch, autor de *A Vênus das peles* (1870). Na psiquiatria clássica, Krafft-Ebing, médico alemão, cunhou o termo masoquismo para dar origem à categoria psiquiátrica que indicava o prazer no sofrimento (FERRAZ, 2015, p. 9).

No romance de Masoch (1870), o personagem principal, Severin, se submete a todos os tipos de maus-tratos (pedidos por ele mesmo) realizados por Wanda, mulher eleita para desempenhar o papel de um algoz manipulado que podia fazer qualquer coisa com ele, qualquer coisa mesmo, inclusive matá-lo. A única proibição era que Wanda o deixasse. Severin muda de nome, se submete a um contrato que tinha por função, inicialmente, estipular o tempo em que manteriam esta relação. Novo contrato é feito e posteriormente desfeito, por parte de Wanda. Ela postula que se Severin quiser sua liberdade resgatada, deve se matar. A relação entre eles se desenvolve num crescente que Severin, como todo masoquista, produz um sádico para seu parceiro. Mas, tal como em Sade, essa parceria só se estabelece se, inicialmente, o parceiro não se mostrar confortável ou desejoso em ocupar a posição para qual recebe o convite. O desfecho do romance é ligeiramente trágico para Severin. Destacamos esse brevíssimo resumo para indicarmos a atividade que encontramos no masoquista. Trata-se da atividade mesmo da pulsão de morte na clave da compulsão à repetição.

Freud, em 1924, define os três tipos de masoquismo: o originário (ou erógeno); o feminino e o moral. O primeiro tipo tem caráter universal e funda os outros dois. O masoquismo originário ou erógeno é “o prazer-derivado-da-dor” (FREUD, 1924a/2006, p.107), este está mais diretamente ligado à pulsão de morte, e esta, por sua vez, não deve ser concebida de outra maneira que não seja amalgamada com a pulsão de vida (libido).

Ao abordar o masoquismo feminino, Freud o faz a partir de fantasias de alguns analisandos homens. Descreve proposições que se aproximam muitíssimo das fantasias masoquistas infantis: “(...) o masoquista quer ser tratado como uma criança pequena, indefesa e dependente e, acima de tudo, como uma criança desobediente e má”. A posição diz respeito eminentemente a “ser castrado, ser objeto de coito ou dar à luz” (FREUD, 1924a/2006, p. 108).

É importante destacar o passo dado por Freud em sua teoria das pulsões. Nesse momento de sua obra, ele empreende que:

[...] a pulsão de morte atuante no organismo – o sadismo original – seria idêntica ao masoquismo. Diríamos, então, que após a parcela principal do sadismo original ter sido transposta para fora em direção aos objetos, um resíduo interno teria permanecido, e seria este o masoquismo propriamente dito, isto é, o masoquismo erógeno. Este, por um lado, teria, então, tornando-se um componente da libido, e, por outro, tomaria como objeto o próprio organismo (FREUD, 1924a, p. 110).

Estamos, portanto, na chamada Segunda Tópica freudiana, momento no qual a teoria das pulsões está relacionada ao mais além do princípio de prazer – o texto freudiano *Além do princípio de prazer* (1920) é considerado inaugural deste momento – em que a base é a pulsão de morte e, como vimos anteriormente, essa só deve ser concebida em sua relação com a pulsão de vida.

O masoquismo moral difere das formas anteriores de masoquismo por prescindir de que o agente do sofrimento seja uma pessoa amada. Freud ressalta que “a pulsão de destruição foi novamente redirecionada para dentro e atua violentamente contra o próprio Si-mesmo [*Selbst*]” (FREUD, 1924a, p. 111). O masoquismo moral se caracteriza também por um sentimento de culpa “inconsciente” e necessidade punição. Freud (1924/2006) relata que, às vezes, em quadros patológicos de masoquismo moral, tamanho é o sentimento de culpa inconsciente, que o sujeito se apazigua em um casamento infeliz, na perda de um patrimônio e seus derivados.

A severidade com que as manifestações do masoquismo moral se apresentam, como imperativo, só nos demonstra tratar-se da instância superegoica. Freud afirma que o imperativo categórico de Kant é o herdeiro direto do complexo de Édipo, interditando as

moções libidinais e instituindo normas morais. O interdito é nutrido pela voz internalizada dos pais na infância. Em *O Eu e o Isso*, Freud (1923/2006) demonstra como o Supereu está enraizado no Isso (pulsional). Daí reside o lugar paradoxal de instância moral e imperativo categórico de gozo, tendo como base a pulsão de morte, em que o Supereu seria um destino civilizado para ela (FREUD, 1930).

A pulsão de morte almeja o gozo absoluto. O Supereu acaba por ocupar um lugar paradoxal na dinâmica psíquica. Freud pontua:

[...] o Supra-Eu¹¹ não é apenas um resíduo das escolhas objetais do Id; ele representa também uma enérgica formação reativa contra essas escolhas. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Você deve ser assim (como seu pai)”, mas engloba também a proibição: “Você não pode ser assim (como seu pai); isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz, algumas coisas permanecem prerrogativa dele.” Essa dupla face do Ideal-do-Eu deriva do fato de ele ter sido mobilizado para ajudar no processo de recalque do complexo de Édipo (FREUD, 1923, p. 44).

Cabe ainda, ressaltar o que Freud (1924/2006) nomeou de *masoquismo do Eu* e o *sadismo do Supereu*. Ele afirma que a busca por castigos e pelo sofrimento caracterizam essa particular dinâmica das instâncias psíquicas. Tais categorias são dedução do analista na condução de uma análise, pois apesar do sadismo do Supereu se tornar consciente, nem sempre o masoquismo do Eu tem o mesmo destino. Com efeito, é mais comum que permaneça inconsciente, oculto, para o próprio sujeito. Os movimentos de dessexualização do Édipo são reavivados pela atuação do masoquismo moral, “o qual promoverá uma regressão da Moral, em direção ao complexo de Édipo” (FREUD, 1924/2006, p. 114). O masoquismo tem o empuxo de levar o sujeito a buscar as sanções da instância moral sádica, eles se complementam, estão a serviço da busca pelo mesmo resultado.

Freud ainda observa a dimensão pulsional em jogo, o masoquismo moral é resultado da fusão pulsional. A luta contra agressividade, promove agressividade. Pois a repressão cultural da pulsão promove que o redirecionamento do sadismo (que na pulsão de morte, em sua chave de destruição iria para fora) retorne contra o próprio Eu. Freud acrescenta:

O masoquismo moral é um perfeito testemunho da existência da fusão pulsional. Por um lado, a periculosidade deriva de sua origem na pulsão de morte, daquela parcela

¹¹A versão traduzida do texto freudiano que adotamos utiliza Supra-Eu com a justificativa de que há equívoco na compreensão de que o Supereu é um “ego muito poderoso” ou “mais poderoso que o ego”. Nas palavras do editor: “Esperamos que, com o tempo, o uso dos termos “Eu”, “Supra-Eu” e “Id” permita ao leitor perceber a centralidade vivencial do pronome “eu” contido na instância “o Eu”, visualizar a espacialidade enfatizada pelo termo “Supra-Eu” (um Eu que paira acima) e eternamente estranhar o arcaísmo e solenidade evocada pelo “o Id”, recuperando, assim, ao menos em parte, o estilo freudiano de lidar conotativamente com os conceitos” (HANNS, 2006. IN: Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre Psicologia do Inconsciente. Vl. 3. p. 25). As leituras da obra de Freud também são cotejadas com as publicações da editora Amorrortu. Logo, privilegiaremos: pulsão por instinto, recalque por repressão, eu por ego, isso por id, supereu por superego.

que escapou de ser direcionada para fora sob forma de pulsão de destruição, mas, por outro, o masoquismo moral também representa [Bedeutung] um componente erótico, portanto, [...] mesmo no processo de auto-destruição do sujeito, não poderá faltar uma satisfação libidinal (FREUD, 1924, p. 115).

A fim de sintetizarmos como as formas de masoquismo destacadas por Freud (1924/2006) se correlacionam, adentremos em uma das possíveis articulações. O masoquismo erógeno ou originário é aquele que funda os demais, está localizado, fixado entre o prazer e a dor, em zonas arcaicas da libido. Supõe-se que ele participara de todas as etapas do desenvolvimento da libido. O masoquismo feminino decorre da culpa advinda no momento da masturbação. Mais do que a um sentimento inconsciente de culpa, está ligado a uma necessidade de punição, muito frequente nas fantasias de espancamento, e também passa por um desejo de ocupar uma posição feminina (passiva) em ato sexual com o pai. E há ainda o masoquismo moral, muito frequente na neurose, uma distorção regressiva do masoquismo feminino. Isto é, Freud (1924) afirma que o que fora dessexualizado durante o complexo de Édipo, é ressexualizado e reaviva o complexo de Édipo novamente. O masoquismo moral, passa, portanto, a atuar fortemente.

Nos indagamos, então: qual seria a relação entre fantasia fundamental e masoquismo? Uma possível chave de leitura é a indicação de que a fantasia fundamental é masoquista. Qual seja, quanto ao *bate-se* “(...) a evolução das três fases e o surgimento da **fantasia propriamente perversa** implicam, no fundo, uma passagem do polo do amor ao polo do gozo” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 103, grifo nosso). E, ainda, podemos marcar que fantasia fundamental se aproxima, demonstra-se, no masoquismo feminino devido a posição subjetiva do sujeito, de se oferecer como objeto muito particular, um objeto feminino.

Existe também mais uma via, que não invalida as anteriores, mas acrescenta um ponto a mais no avanço da discussão. É possível sustentar que a relação entre a fantasia fundamental e o masoquismo é o desejo.

Em outras palavras, frente ao desamparo ou como nos diz Lacan “ante a presença primitiva do desejo do Outro como obscuro e opaco, o sujeito encontra-se sem recursos” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 27). E acrescenta, que a fantasia tem como função “dar ao desejo seu nível de acomodação, de situação. Por isso é que o desejo humano tem a propriedade de estar fixado, adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre, essencialmente, a uma fantasia” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 28). Sendo a essência da fantasia masoquista, nas palavras de Lacan, “a representação que o sujeito tem de uma série de experiências imaginadas que seguem em declive, cuja vertente, borda, limite, consiste

essencialmente no fato de que é anulado em qualquer espécie de possibilidade ansiante de se perceber como autônomo” (Lacan, 1958-1959, p. 141).

O sujeito se apaga, desvanece e desaparece por trás de um significante. Cabe então, concebermos a noção de que a fantasia engendra uma posição marcada por estes significantes que para além de um possível julgamento moral – sobretudo, porque em psicanálise a visada é na ética, a ética da diferença – são verdadeiras conquistas do sujeito. Conquistas ou construções que apaziguam, mas também aprisionam. São nossas prisões domiciliares, como ressalta Marco Antonio Coutinho Jorge (2010, p. 77), por moldarem este verdadeiro caldeirão de impossibilidades com que se depara, a todo momento, o ser falante.

Outro interessante ponto é a noção de que quanto ao masoquismo originário, poderíamos aproximá-lo da noção de amparo. É o que propõe Joel Birman (2005) no capítulo intitulado *A sustentável leveza do psicanalista: variações sobre o desamparo e a feminilidade*. Segundo o autor, - e como podemos verificar na prática clínica, em alguns casos - anterior ao ancoramento na submissão e tortura o que caracteriza a subjetividade masoquista é a ideia de se amparar em algo que é oposto a angustia. Haveria aí alguma garantia, garantia de gozo. Trata-se da renúncia a posição de sujeito barrado, logo desejante, o sujeito oferece seu corpo como objeto de gozo do Outro.

A partir das elaborações de Jean Claude Maleval (1995) sobre a suplência perversa na psicose¹² podemos tecer alguns comentários e distinções desse fenômeno em sua diferenciação à estrutura perversa.

O caso do assim chamado Senhor M é abordado por Maleval (1995) de uma maneira original. Tal sujeito não fora paciente do autor do estudo de caso, mas era tido, até então, como um grande perverso masoquista. Senhor M praticava todo o tipo de autoflagelo, torturas, aviltamentos, e deixavam sequelas. Chegou a tatuar por seu corpo inteiro, inclusive no rosto, dizeres como “eu sou uma porca”; “viva o masoquismo”; entre muitos outros. Injetara tinta azul no próprio órgão sexual. Tais práticas perversas estavam na clave de um excesso, e é justamente essa a indicação que Maleval (1995) nos fornece: o excesso deve nos fazer questionar senão se trata de uma psicose. Excesso no campo do gozo, pois, na psicose, não há inscrição do Nome-do-Pai cuja função é a de “significar o conjunto do sistema significante, de autorizá-lo existir, de fazer dele a lei” (LACAN, 1957-58/1999), a suplência se ocupa da função que seria desempenhada pelo significante Nome-do-Pai. A direção de

¹² Talvez pudéssemos também tomar como exemplo, o caso explorado no capítulo 1, do presente trabalho; do fetichista de suporte atlético, Carl Liberman. Donde a estabilização do quadro de esquizofrenia se dá através de um fetiche.

trabalho do autor está, certamente, muito bem pautada nas observações freudianas, de 1924, sobre o masoquismo, Freud (1924) esclarece que o caráter lúdico é preponderante nas fantasias, assim como nas atuações:

A castração, ou o ato de cegar e vazar os olhos, ato que frequentemente substitui a castração, deixa nas fantasias sua marca ao avesso, isto é, em negativo, pois nelas, é imposta a condição de que justamente os genitais ou os olhos não possam sofrer danos (aliás, as torturas masoquistas raras vezes dão impressão de serem tão sérias quanto as crueldades - fantasiadas ou encenadas - do sadismo) (FREUD, 1924/2006, p. 108).

Em Lacan (1964/1985, p. 178), há a relevante diferenciação “a pulsão não é a perversão”. Em se tratando de perversão, o que define é a posição, a maneira como o sujeito se coloca. E acrescenta que sobre o masoquismo, é preciso compreender que o que está em jogo é uma “violência que o sujeito faz, com o fito de dominar com mestria, a si mesmo” (LACAN, 1964/1985, p. 179). E sobre a pulsão, o autor conclui que nela se trata de transgressão, o circuito pulsional, ou nas palavras de Lacan: “o caminho da pulsão é a única forma de transgressão que se permite ao sujeito em relação ao princípio do prazer” (LACAN, 1964, p. 180).

No Seminário, Livro 16, *De um Outro ao outro*, Jacques Lacan (1968-1969/2006, p. 247) destaca que, para o masoquista, a voz do Outro é “aquilo que lhe dará garantia a responder como um cão”. É a voz enquanto objeto *a*, isto é, objeto perdido e repentinamente reencontrado, que promoverá gozo, por recobrar ao Outro sua função, ainda que imaginariamente. Dito de outro modo, se, no que concerne à perversão é desmentir a falta de objeto, será na sua relação com o Outro que o perverso se posicionará como instrumento de gozo cuja a função é obturar essa falta. Mas não há garantia alguma de que seja isso o que o Outro quer (um enigma para quase todos os sujeitos falantes). O perverso se posiciona como objeto *a* para restituir a falta no campo do Outro.

Entretanto, em ocasião anterior, Lacan (1958-1959/2016, p. 139) também explora isso que ele nomeou de “fenomenologia do masoquismo”. Lacan desenvolve um comentário crucial que insere o perverso enquanto sujeito, simplesmente por uma operação lógica, resultando das fases da fantasia *bate-se numa criança*, sobre o segundo tempo (inconsciente e paradoxalmente construído em análise):

Eis então o ponto, o pivô dessa segunda fase, que podemos apenas supor. É também a base da transformação a partir da qual o sujeito vai tentar entrar na última fase, a fim de nela encontrar o ponto de oscilação, o ponto de equilíbrio de sua posição, ou seja, o $\$$. Pois uma vez entrando na dialética da fala, se entrar, em algum lugar ele tem de se formular como sujeito (LACAN, 1958-1959/2016, p. 141, grifo nosso).

Se estamos no campo do Outro – o campo da linguagem, por excelência – estamos submetidos às leis da linguagem. Não há sujeito sem Outro. E é, de fato, por esses atravessamentos do significante, da falta de um significante para dizê-lo todo, que o sujeito se vê às voltas com o como proceder. O que responder ao Outro, por quem se trata de ser amado? O que ele quer de mim? Qualquer resposta a essas questões estará alinhada ou à fantasia ou ao delírio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos traçar um percurso investigativo acerca do conceito de perversão na obra de Sigmund Freud e, sempre que possível, em articulação com as contribuições do ensino Jacques Lacan. A fim de verificarmos qual seria o estatuto reservado para perversão.

A força motora desse trabalho foi a tentativa de avançar no estudo de um conceito por vezes desprezado. Causa espanto a diferença, a discrepância, entre publicações sobre a perversão e as demais estruturas clínicas (neurose e psicose). Ao ser explorado, demonstra sua centralidade na noção de sexualidade humana (perverso-polimorfa). Contudo, sua centralidade não evita que se torne alvo de equívocos e inspire cuidados.

Dentro e fora da psicanálise, encontramos variados discursos sobre a perversão. Contudo, nem sempre se apresentam de maneira afinada com um posicionamento ético ou, minimamente, distante de dicotomias reducionistas. Consideramos que suspender a concepção de categorias rígidas foi crucial para que pudéssemos permear os diferentes sentidos que o conceito de perversão contempla.

Acreditamos que seja necessário sustentar a crítica a este diagnóstico precipitado, que, na verdade, não é um diagnóstico, é um rótulo. Ou pior... um retorno pré-*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, onde a fantasia não está em questão e onde o ato enquanto tal, serve para culpabilizar o sujeito, assim sendo, tudo que veio depois dos Três Ensaios se esvai e o que é mais grave ainda: em nome de uma categoria dita analítica. O percurso de estudo se ocupou de estabelecer diferenciações mais basais no campo teórico clínico, em discutir, minimamente, com a psiquiatria e, sobretudo, se ocupou de sustentar a relevância da discussão mais apurada sobre o tema.

O conceito transita desde a forma como Sigmund Freud (1905) nomeou a sexualidade humana, passa pela especificidade de uma posição subjetiva (fixação e exclusividade da libido); um mecanismo de defesa (*Verleugnung*), uma posição particular na fantasia, uma estrutura clínica, uma modalidade de gozo. Ou seja, o estatuto perpassa pelo campo da sexualidade do sujeito falante, em geral, até atingir categorias mais específicas de expressão clínica e forma de entrada na linguagem. E dentre muitos outros, talvez a linguagem seja um ponto essencial que merece ser devidamente contemplado em pesquisas futuras.

Este estudo não esgota o tema, muito menos as inquietações que ele suscita, mas talvez sirva como ponto de resgate de uma noção crucial que parece, por vezes, desprezada.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. A perversão, o desejo e a pulsão. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza: V. n. 2, p. 341-360, 2005.

ALBERTI, Sonia; MARTINHO, Maria Helena. Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 119-142, apr. 2013. ISSN 1678-5177. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/55993>>. Acesso em: 06 june 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642013000100007>.

BATAILLE, Laurence. Desejo do analista e desejo de ser analista. IN _____ O Umbigo do sonho: por uma prática da Psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOURGUIGNON, André. *O conceito de renegação em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

BRAUNSTEIN, Nestor. *Gozo*. Tradução de Monica Seineman. São Paulo: Escuta, 2007.

CASTRO, Silvia Lira Staccioli; RUDGE, Ana Maria. Perversão e ética na clínica psicanalítica. *Rev. Mal-Estar Subj.* Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 78-95, mar. 2003.

COUTINHO JORGE, M. A. *A pulsão de morte. Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, v. 26, p. 23-39, 2003.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 7ª Edição.

_____. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan - Vol.2: A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2010.

_____. *Freud e a invenção da clínica estrutural* IN: Futuros da psicanálise / organização de Altair José dos Santos, Marcela Toledo França de Almeida. – Rio de Janeiro: Contra Capa: Corpo Freudiano Seção Goiânia, 2017, p. 15-36.

DEAN, Tim. The Frozen Countenance of the Perversions {Traduction pour Beatriz Santos} “Le visage figé des perversions”. [Inédito]

ELIA, L. *Corpo e Sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1995.

EY, Henri; BERNARD, Paul; BRISSE, Charles. *Manual de Psiquiatria*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Masson, 1978.

FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e as crianças – A linguagem da ternura e da Paixão. In: *Obras Completas Psicanálise IV 1928-1933*. São Paulo: Martins Fontes, 2011 p. 111-135.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *Se houvesse a relação sexual*. IN: Clínica e estrutura. FERREIRA, N.P. e LEITE, J. L. [orgs.]. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

FRANÇA, C. P. Emanações da caixa de Pandora. In: *Perversão as engrenagens da violência sexual infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Imago, 2010, p. 39-48.

FREUD, Anna. Fantasias de espancamento e devaneios. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, Porto Alegre, n. 40, p. 155-169, jan./jun. 2011.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. [1905]. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII, p.128-229.

_____. Personagens Psicopáticos no palco. [1905-1906]. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII, p. 295-302.

_____. “Sobre a gênese do fetichismo”. [1909]. *Revista Internacional da história da psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 2, 1992, p. 371-387.

_____. A Case of Foot Fetishism [1914]. In: *Minutes of the Vienna Psychoanalytic Society, Volume IV: 1912-1918.*: Edited by Herman Nunberg and Ernst Federn. Translated by M. Nunberg. New York: International Universities Press, p. 243-246, 1974.

_____. Pulsão e Destinos da Pulsão. [1915^a]. In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, p. 174-93.

_____. O Recalque. [1915b] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. 1, p. 174-93.

_____. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. [1919]. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193-218.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. [1920] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 123-198.

_____. O eu e o id. [1923] In:_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 13-92.

_____. O problema econômico do masoquismo. [1924]. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*,v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.179-192.

FREUD, S. A organização genital infantil. [1923] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 19, p. 155-161.

_____. A dissolução do complexo de Édipo. [1924] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 19, p.191-199.

_____. O problema econômico do masoquismo. [1924a] In: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 103-124.

_____. Fetichismo. [1927]. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.159-178.

_____. O Futuro de uma ilusão. [1927]. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-66.

_____. O mal-estar na civilização. [1930 (1929)] In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 21, p. 67-148.

_____. A cisão do Eu no processo de defesa. [1940 (1938)] In: _____. Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. 3, p. 171-180.

_____. “Por que a guerra?” [1932] In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 203-209.

_____. Conferência 33: Feminilidade [1933]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 121-144.

_____. Construções em análise [1934]. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996 p. 271-286.

FURTADO DE MENDONÇA, Ligia Gama e Silva. Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a possibilidade de haver ‘mulheres’ estruturalmente perversas. 150 f. Tese (Doutorado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise). Orientação de Rita Maria Manso de Barros. Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Psicanálise/PGPSA: Rio de Janeiro, 2015.

HACHET, Amal. Agressores sexuais: é possível um tratamento psicanalítico sob prescrição judicial?. *Ágora*: Rio de Janeiro , v. 8, n. 1, p. 47-62, Jan. 2005 .

HENRIQUES, Rogério Paes. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*[online]. 2009, vol.12.

JULIEN, Phillipe. *Psicose, perversão, neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

KRAFFT-EBING, R., Psychopathia Sexualis. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [en linea] 2009, 12 (Junio-Sin mes) : [Fecha de consulta: 6 de enero de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233016517012>> ISSN 1415-4714

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* [1954-1955]. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 4: A relação de objeto* [1956-1957/1995]. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, Livro 5: As Formações do inconsciente* [1957-1958] Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

_____. *O Seminário, Livro 6: Desejo e sua interpretação* [1958-1959]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

_____. *O Seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise* [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *O Seminário, Livro 10: A angústia. Seminário de* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Seminário de* [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro. Seminário de* [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise.* [1969-1970] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda* [1972/1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

1985.

_____. *Kant com Sade* [1966]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.776-803.

_____. *Da Estrutura Como Intromistura de um Pré-requisito de Alteridade e um Sujeito qualquer* [1972]. In: MARCKSEY, Richard & DONATO, Eugenio (orgs.). *A controversa estruturalista: a linguagem crítica e as ciências do homem*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 198-212.

_____. *YALE UNIVERSITY, KANZER SEMINÁRIO – 24 de Novembro de* [1975]. Conferências nos EUA. Centro de Estudos Freudianos do Recife. [1995]

LACAN, J. *Estou Falando com as Paredes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2011

LANTERI-LAURA, G. *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

MALEVAL, Jean-Claude. *Suplencia perversa en un psicótico. ANCLA: revista de la Cátedra II de psicopatología*, n. 1, p. 162-179, set. 2007.

MANNONI, O. *Eu sei, mas mesmo assim...* In: MANNONI, O. *Chaves para o imaginário*. Trad. Ligia Maria Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 9-34.

MARTINHO, Maria Helena. Perversão: um fazer gozar. 341f. Tese (Doutorado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise). Orientação Sonia Alberti. Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Psicanálise/PGPSA: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.pgpsa.uerj.br/pdf/Tese%20M_Helena.pdf>. Acesso em: 04 jul 2016.

MARQUES, L.; FURTADO DE MENDONÇA, L. G. S. PERVERSÃO? Notas sobre perversidade, perversão polimorfa e estrutura perversa. *RESCAC. Revista Saúde, Corpo, Ambiente & Cuidado*. J a n . / M a r . 1 (1) : 1 9 2 - 2 0 1. 2013.

MASOCH, Sacher. *A vênus das peles*. Tradução Saulo Krieger. São Paulo. Editora Hedra. 2015.

MAURANO, Denise. *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MIELI, Paola. Uma nota sobre a diferenciação estrutural freudiana entre neurose e perversão. In: *As Homossexualidades na Psicanálise na história de sua despatologização*. QUINET, A.; JORGE, M. A. C. (Orgs). São Paulo. Segmento Farma. 2013, p. 217-228.

ORIGEM DA PALAVRA. **Ilusão**. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/artigo/ilusao/> Acesso em 22 de dezembro de 2018.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo , v. 12, n. 2, p. 379-386, June 2009.

QUEIROZ, E. F. (2002). Perversão e alteridade. *Psicologia Clínica: Revista da PUC-Rio*, 14 (2), 43-54.

RINALDI, Doris. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Jorge Zahar, 1996.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. Perversão. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 584-586.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.

SAFOUAN, Moustapha. *Será o Édipo Universal?* In: _____ *Estudos sobre o Édipo*. Rio de Janeiro, 1999. p. 120-130.

SANTOS, M. J. M. *Sob o véu da psicopatia...* 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

SANTOS, M. J. M. *Do “psicopata-monstro” ao “psicopata-comum”: os desmentidos nossos de cada dia*. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*. Rio de Janeiro, 11(22), 86-93, mai. a out. 2016.

SCHNEIDER, Kurt, *Psicopatologia clínica (1887)*. Tradução da sétima edição alemã de Emanuel Carneiro Leão. 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

SUSINI, Marie-Laure. O autor do crime perverso. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

WULFF, M. Fetichismo e a escolha de objeto no começo da infância. In: *Psychoanalytic Quartely*, 1946, 15, p. 450-471. Traduzido para o inglês por Henry Alden Bunker e para o português por Eliana Rodrigues Pereira Mendes.

ZUPANCIC, Alenka. Sexualidade e ontologia. *Rev. Estud. Lacan.*, 2008, vol.1, no.2, p.x-xx.
ISSN 1983-0769